



Jornal do CFFa

Conselho Federal de Fonoaudiologia

Ano IX – Número 38 – julho/agosto/setembro de 2008

FONOAUDIÓLOGO
NA EDUCAÇÃO:
IMPRESINDÍVEL
PARA A ESCOLA
E PARA A FAMÍLIA

Carreira militar,
um desafio fascinante

Transformando vidas,
gerando sorrisos...

Gerenciamento de carreira:
o ajuste de expectativas



FONNO 2008

16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia
Campos do Jordão - SP - 24 a 27 de setembro



SBFa

Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia

PROGRAMAÇÃO DOS CONSELHOS PARA O 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE FONOAUDIOLOGIA

Dia 25 de setembro

Sala 6 - 9:00 às 10:30 horas

Simpósio 6: Estratégias de Inserção do Fonoaudiólogo no NASF

Coordenação: Maria Teresa Cavalheiro (CFFa)

Convidados: dr. Nívio Lermen Junior- Coordenador de Gestão da Atenção Básica do Ministério da Saúde, Gestor Federal e gestores municipais

PROGRAMAÇÃO DA SALA DOS CONSELHOS

Dia 25 de setembro - 14:00 às 16:00 horas

Debate: Balizadores do tempo de tratamento fonoaudiológico

Coordenação: Cláudia Taccolini (CFFa)

14:10 - Balizadores de Linguagem e Motricidade Orofacial

Convidadas: Irene Marchesan e Débora Befi

15:00 - Balizadores de voz e audição

Convidadas: Mara Behlau e Beatriz Novaes

Dia 26 de setembro - 9:00 às 10:30 horas

Debate: Exercício Profissional e Reconhecimento Social

Coordenação: Carolina Fanaro Damato (CRFa 2ª. Região)

Palestrante: Nise Cardoso (CRFa 1ª. Região)

Dia 26 de setembro 14:00 às 15:30 horas

Debate: Fonoaudiologia na Educação

Coordenação: Silvia Maria Ramos (CFFa)



9º Colegiado do CFFa
Gestão abril/2008 a abril/2009

DIRETORIA EXECUTIVA

Sandra Maria Vieira Tristão de Almeida - Presidente
Marlene Canarim Danesi - Vice Presidente
Ana Claudia Miguel Ferigotti - Diretora Secretária
Isabela de Almeida Poli - Diretora Tesoureira

CONSELHEIROS EFETIVOS

Ana Claudia Miguel Ferigotti, Charleston Teixeira Palmeira, Isabela de Almeida Poli, Leila Coelho Nagib, Márcia Tiveron de Souza, Maria Aurea Caldas Souto, Maria do Carmo Coimbra de Almeida, Marlene Canarim Danesi, Sandra Maria Vieira Tristão de Almeida, Sílvia Maria Ramos

CONSELHEIROS SUPLENTE

Ana Claudia de Araújo Hein Rodrigues, Ana Luzia dos Santos Vieira, Claudíia Regina Charles Taccolini, Daniele Andrade da Cunha, Denise Terçariol, Lia Maria Brasil de Souza, Luciana Ulhôa Guedes, Maria Carla Pinto Gonçalves, Maria Teresa Pereira Cavalheiro, Marilea Fontana

COMISSÕES

COMISSÃO DO MERCOSUL

Marlene Canarim Danesi - Presidente, Maria do Carmo Coimbra de Almeida, Ana Luzia dos Santos Vieira, Denise Terçariol, Maria Aurea Caldas Souto, Marilea Fontana, Sílvia Maria Ramos

COMISSÃO PERMANENTE DE ÉTICA

Leila Coelho Nagib - Presidente, Marlene Canarim Danesi, Maria Aurea Caldas Souto

COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO

Ana Lúcia Rodrigues Torres - Presidente, Charleston Teixeira Palmeira, Ivanir Aparecida Franco Lobato de Araújo, Joelma Donato Camilo, Leila Coelho Nagib, Sílvia Maria Ramos

COMISSÃO PERMANENTE DE TOMADA DE CONTAS

Charleston Teixeira Palmeira - Presidente, Leila Coelho Nagib, Maria Aurea Caldas Souto, Maria Carla Pinto Gonçalves

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO e COMUNICAÇÃO VIRTUAL

Sílvia Maria Ramos - Presidente, Ana Claudia de Araújo Hein Rodrigues, Ana Luzia dos Santos Vieira, Charleston Teixeira Palmeira, Daniele Andrade da Cunha, Isabela de Almeida Poli, Lia Maria Brasil de Souza, Luciana Ulhôa Guedes, Maria do Carmo Coimbra de Almeida, Marlene Canarim Danesi, Marilea Fontana

COMISSÃO DE ANÁLISE DE TÍTULO DE ESPECIALISTA E CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO - CATECE

Sílvia Maria Ramos - Presidente, Ana Claudia Miguel Ferigotti, Charleston Teixeira Palmeira, Daniele Andrade da Cunha, Lia Maria Brasil de Souza, Maria Aurea Caldas Souto, Maria do Carmo Coimbra de Almeida

COMISSÃO DE ORIENTAÇÃO E FISCALIZAÇÃO E LEIS E NORMAS

Sandra Maria Vieira Tristão de Almeida - Presidente, Ana Claudia Miguel Ferigotti, Claudíia Regina Charles Taccolini, Isabela de Almeida Poli, Leila Coelho Nagib, Lia Maria Brasil de Souza, Márcia Tiveron de Souza, Maria Aurea Caldas Souto, Maria Carla Pinto Gonçalves, Marilea Fontana

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

Marlene Canarim Danesi - Presidente, Maria Aurea Caldas Souto, Ana Claudia de Araújo Hein Rodrigues, Denise Terçariol, Leila Coelho Nagib, Luciana Ulhôa Guedes, Maria do Carmo Coimbra de Almeida, Maria Teresa Pereira Cavalheiro, Marilea Fontana, Sílvia Maria Ramos

COMISSÃO DE SAÚDE

Claudíia Regina Charles Taccolini - Presidente, Márcia Tiveron de Souza, Ana Claudia Miguel Ferigotti, Ana Luzia dos Santos Vieira, Denise Terçariol, Isabela de Almeida Poli, Luciana Ulhôa Guedes, Maria Teresa Pereira Cavalheiro, Maria Carla Pinto Gonçalves, Marilea Fontana, Marlene Canarim Danesi, Sandra Maria Vieira Tristão de Almeida

JORNAL DO CFFa

EDITOR

Elisário E. do Couto (MTb 8.226)
Insert Consultores em Comunicação Ltda.
Tel. (0 ** 11) 5524-8762
e-mail: insert21@uol.com.br

DIAGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA

Via Brasília Editora

IMPRESSÃO

Dupligráfica Editora Ltda.

TIRAGEM

40.000 exemplares

PARA ANUNCIAR

Tel. (0 ** 61) 3322-3332
e-mail: fono@fonoaudiologia.org.br

Como entrar em contato com o Jornal do CFFa:
SRTVS Quadra 701, Edifício Palácio do Rádio II
Bloco E, Salas 624/630
Tel. (0 ** 61) 3322-3332/3321-5081/3321-7258
Fax (0 ** 61) 3321-3946
e-mail: imprensa@fonoaudiologia.org.br
Site: <http://www.fonoaudiologia.org.br>

Editorial



Foto: arquivo pessoal

Fonoaudióloga Marlene Canarim Danesi
Vice-presidente do CFFa

Resgate de uma profissão híbrida

Historicamente no Brasil, a Fonoaudiologia esteve muito próximo da Educação, até porque um dos vértices da origem da profissão nasceu da necessidade dos professores resolverem problemas de alunos que apresentavam alterações na comunicação oral e escrita. Com o passar dos anos e por uma série de fatores que não cabe analisar neste momento, a maioria dos fonoaudiólogos foram se afastando da Educação e consolidando suas práticas na área da Saúde.

Esta nova configuração do perfil do profissional da Fonoaudiologia, evidentemente trouxe ganhos, pois a profissão alargou seus horizontes, mas também ocasionou perdas importantes. A Educação é um campo do conhecimento, que permite ao profissional um embasamento teórico humanístico mais sólido, permitindo reflexões relevantes a respeito da construção da cidadania, o que torna o profissional não só um técnico competente mas também um cidadão participativo, autêntico, autônomo, crítico, consciente do seu papel na sociedade, o que sem dúvida influencia na forma como ele vai se relacionar com seus pacientes.

Reconhecer a importância da educação dentro da formação de qualquer profissional e valorizar mais o ser humano do que as técnicas, saber juntar ciência com afeto é não só formar fonoaudiólogos mais competentes, mas também é o caminho para o desenvolvimento do nosso país. Nesse contexto, o Conselho Federal de Fonoaudiologia pretende resgatar ao lado dos Conselhos Regionais um debate permanente junto aos fonoaudiólogos, enfatizando as duas dimensões da nossa profissão: Saúde e Educação. Não podemos esquecer que a Fonoaudiologia é uma profissão híbrida, somos profissionais da Saúde sim, mas também temos uma função essencial no campo educativo, e este papel nos possibilita fazer uma verdadeira revolução social através do nosso trabalho. A linguagem é, como o saber, uma conquista de todos e é através dela que podemos tornar este mundo um pouco melhor. O Conselho Federal de Fonoaudiologia, por intermédio de sua Comissão de Educação aceita o desafio de refazer esta caminhada. Compete a nós criar as condições objetivas para debater todos os assuntos relacionados a Educação, criar alternativas que favoreçam o aparecimento de um novo fonoaudiólogo, mais solidário, preocupado em superar o individualismo e de estar ligado aos projetos sociais e políticos, pois este é o caminho para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária. Este projeto só poderá ser realizado com muita união, muitas mãos e muitos corações!

Fonoaudiólogo na Educação: imprescindível para a escola e para a família



Foto: arquivo de Renata Estrela

Em Goiânia, equipe de fonoaudiólogas realiza triagem vocal em professores

A grande contribuição da Fonoaudiologia para a Educação é agregar conhecimentos específicos do processamento de linguagem, de acordo com as diversas faixas etárias e a influência de fatores sócio-culturais na aprendizagem". Na visão da fonoaudióloga Ana Luiza Gomes Pinto Navas, de São Paulo (SP), que é docente dos cursos de Fonoaudiologia e de Especialização em Linguagem da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e diretora científica da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa), "tal abordagem soma esforços para prevenir e detectar as alterações de linguagem oral e escrita em um processo integrado e complementar aos profissionais educadores. Sendo assim, a formação do Fonoaudiólogo deve ser interdisciplinar, para que o conhecimento e competências a respeito da linguagem, audição, voz e motricidade e funções orofaciais possibilitem abordagens efetivas de prevenção e intervenção dos Distúrbios da Comunicação".

Nos Estados Unidos, de acordo com a diretora científica da SBFa, metade

dos fonoaudiólogos está empregada em serviços de Educação, seja no sistema regular seja na educação especial. "Qual é a diferença substancial entre os nossos países? A resposta óbvia seria a diferença de situação sócio-econômica. Mas, além disso, e talvez mais importante ainda, seja a diferença no investimento financeiro e político em Educação. Nos últimos anos, o Departamento de Educação norte-americano lançou programas específicos para garantir o sucesso do aprendizado da leitura e escrita desde os anos iniciais (educação infantil) até o que seria o nosso Ensino Médio. Todos esses programas incluem o trabalho do fonoaudiólogo em todas as etapas e em todos os níveis de atenção, incluindo a atenção primária junto à comunidade estimulando o hábito de leitura no ambiente familiar. *Reading First* e *No child left behind* são exemplos de programas nacionais americanos que incluem fonoaudiólogos".

"A maior parte dos problemas de aprendizagem implica em problemas de linguagem e o profissional que tem esse domínio e a possibilidade de prestar

ajuda no âmbito educacional, sem limite, é o fonoaudiólogo", confirma Jaime Luiz Zorzi, também de São Paulo (SP), avalizado por seu doutorado em Educação e sua especialização em linguagem. "O fonoaudiólogo não deve pensar que está prevenindo problemas, mas que está desenvolvendo gente. O fonoaudiólogo dentro do sistema escolar pode ajudar não apenas no planejamento da formação do professor, mas trabalhar para criar melhores condições de comunicação em questões voltadas ao ruído e a voz do professor e do aluno, além das técnicas didáticas, para garantir a adequada compreensão".

"O que vejo como possibilidade de uma nova relação é o foco na aprendizagem, de uma maneira geral: quem vai aprender a ler e escrever tem que desenvolver certas competências, implica em habilidades lingüísticas e psicolingüísticas...", raciocina o fonoaudiólogo Jaime Zorzi. "Todo programa ou instrumento de intervenção é uma ferramenta e é necessário capacitar o professor para utilizá-la. Esses programas, idealmente, devem ser desenvolvidos por grupos de

profissionais, para que tenham boa consistência e requerem mãos hábeis para serem manipulados. No Instituto Cefac, onde atendemos crianças com dificuldades de aprendizagem, temos trazido professores para formação, com resultados bem melhores do que quando temos a oportunidade de trabalhar só com a criança. Em função do número de questões que esses professores trazem, precisei até organizar um 'Guia Prático para ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem: dislexia e outros distúrbios', que acaba de ser publicado".

Um outro ponto crítico que deve ser considerado, apontado pela fonoaudióloga Mônica Petit Madrid, docente do curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário São Camilo, em São Paulo (SP), é a pouca compreensão da importância do fonoaudiólogo na escola e a carência de dados epidemiológicos relacionados aos distúrbios da comunicação no Brasil, que poderiam ilustrar o quanto as crianças poderiam ser beneficiadas com a atuação fonoaudiológica.

Profissional da Saúde e da Educação...

"De acordo com um dos princípios do Código de Ética da profissão, o fonoaudiólogo deve, em seu exercício, realizar atividade em benefício do ser humano e da coletividade", lembra Mônica. "Além disso, o fonoaudiólogo é um profissional da Saúde e também da Educação, responsável pela promoção, prevenção, avaliação e diagnóstico, orientação, terapia (habilitação e reabilitação) e aperfeiçoamento dos aspectos relacionados à audição, linguagem oral, escrita e voz. Pode-se dizer assim, que a complexidade do processo social e educacional, bem como os princípios éticos e a competência da profissão convocam a Fonoaudiologia como aliada".

Ao fazer uma breve revisão de literatura sobre a atuação fonoaudiológica no âmbito escolar, a fonoaudióloga Mônica Petit Madrid notou, nos trabalhos publicados nos anos 70, que o foco das ações era a identificação e a recuperação do que se encontrava fora dos padrões de normalidade. "Na década de 80, com a regulamentação da profissão, a escola tornou-se um espaço de atuação legalmente definido e a partir deste momento muitos trabalhos começaram a se desenvolver. Essa década caracteriza-se pela ampliação do campo de atuação e pelo distanciamento de uma prática exclusivamente clínica, fato também observado na década de 90".

No ambiente escolar, o fonoaudiólogo Jaime Zorzi coloca como um dos papéis do fonoaudiólogo, em contato com os professores, efetuar o levantamento das crianças com problemas, efe-

tuar um primeiro processo de avaliação, encaminhar para os recursos de saúde que a comunidade disponibiliza para assistência extra-pedagógica fora da escola e criar para essas crianças programas de intervenção dentro da escola (não de caráter fonoaudiológica, mas educacional), com muitos cuidados do ponto de vista de garantia das habilidades que a criança tem que desenvolver".

Mudanças

A fonoaudióloga Patrícia Prado Calheta relata um quadro que vem sendo, felizmente, gradativamente alterado. "Durante muito tempo, a preocupação exclusiva do profissional fonoaudiólogo, ao tomar contato com uma escola, era vinculada à possibilidade de detectar, avaliar e sanar distúrbios da comunicação que, de algum modo, comprometessem o aprendizado de crianças na sala de aula. Assim, medidas como triagens, avaliações, oficinas e grupos de estimulação, entre outras, eram prontamente cumpridas, sob a alegação de se eliminar as alterações relativas ao ouvir, falar, ler e escrever".

Para esta fonoaudióloga, que está voltada à formação de professores, em escolas regulares de educação infantil e ensino fundamental e a consultoria em linguagem e educação, "pais e professores passaram a ser foco da atuação do fonoaudiólogo, por intermédio da realização de palestras, orientações e encontros destinados a esclarecimentos sobre o conjunto de características das patologias detectadas ou mesmo pela apresentação de temáticas por nós pré-concebidas, como relevantes para a formação e informação dos principais responsáveis pelo desenvolvimento infantil".

"Entendo que podemos ser um agente de reflexão, de co-análise de práticas pedagógicas e de diálogo com os educadores sobre o trabalho com as lingua-

gens oral e escrita, com a leitura e produção de diversos gêneros discursivos, com o letramento infantil e com a apropriação de conhecimentos sobre a alfabetização, entre tantos outros assuntos".

"Os determinantes do fracasso escolar são complexos e multifatoriais e incluem aspectos biológicos, sociais, culturais, econômicos, familiares e institucionais. Por este motivo, combatê-lo pressupõe a implementação de ações baseadas na parceria e que tenham como referencial o paradigma da Promoção de Saúde", pondera Maria Teresa Pereira Cavalheiro, docente da PUC-Campinas e fonoaudióloga da prefeitura de Mogi Mirim (SP).

Para a fonoaudióloga, "o fortalecimento da relação entre os profissionais da saúde e da educação, poderá contribuir para a conquista da qualidade de vida de todos os segmentos envolvidos no espaço escolar, favorecendo o desenvolvimento humano e o processo de emancipação da nação".

Relação distorcida

Se for verdade que a história da Fonoaudiologia teve início na Educação, no entanto esta relação nem sempre foi bem cultivada. A fonoaudióloga Ana Luiza Gomes Pinto Navas, de São Paulo (SP), lamenta a imaturidade de outrora da profissão, que fez com que muitos profissionais assumissem uma posição errônea em relação aos profissionais de educação. Ana Luiza destaca que "a realização de triagens fonoaudiológicas sem critérios científicos e com o único propósito de angariar pacientes para os consultórios particulares causou (e ainda causa!) muitos atritos. Qualquer que seja a atuação do fonoaudiólogo envolvendo processos educacionais, esta deve ser feita com muito cuidado e respeito. Trata-se de somar, e complementar o olhar específico ao escolar e/ou ao pro-



Foto: arquivo pessoal

Fonoaudióloga Ellen Santos



Foto: arquivo pessoal

Fonoaudiólogo Jaime Luiz Zorzi

fessor e não apontar para a escola e ou professor como culpados das falhas no processo de ensino-aprendizagem”.

O fonoaudiólogo Jaime Zorzi é contundente. “A Fonoaudiologia foi ganhando espaço na área da Saúde e perdendo espaço na Educação, porque começou a manter uma relação de serviço externo à escola, com os procedimentos de triagem. Ele se aproximava da escola para buscar crianças que tivessem alguma dificuldade principalmente na fase pré-escolar para evitar problemas futuros, particularmente os auditivos mas também da fala, da motricidade orofacial. Deram a isso uma conotação de prevenção (que na minha opinião já era uma intervenção, um atendimento clínico). Isso não respondeu à demanda e às angústias da escola. Esse vácuo foi sendo ocupado pelo psicopedagogo, que se apresentou como o profissional do distúrbio da aprendizagem”.

“Assim como eu, um grupo de fonoaudiólogos conseguiu reabrir essa porta, mudando o discurso. Levo a experiência clínica para o meu trabalho com os professores, mas busco fazer uma conversão dessa experiência de acordo com o modelo pedagógico. Temos que ter a preocupação individual mas também temos que ter uma visita de conjunto, de projeto, de modo que cada ação que faça seja não para um, mas para muitos”, sintetiza Jaime Zorzi.

Ellen Santos, fonoaudióloga com atuação em Fortaleza (CE) como docente da Unifor e consultora na área de Fonoaudiologia Educacional, fornece mais argumentos. “O fonoaudiólogo precisa entender, como profissional da educação, que ele está lá muito mais para promover um nível de ensino e aprendizagem de excelência, abordando aspectos de sua área para gerar esses benefícios, para transformar a comunidade escolar (professores, alunos, funcionários em geral...), para metamorfosear uma sociedade e, mais, para mudar o mundo, qual seja, em um lugar melhor para se viver.

Se este fonoaudiólogo se insere neste ambiente escolar inclusivo e olha para ele com a visão clínica impregnada em suas veias, que faz da escola seu consultório e transforma alunos em pacientes, só reforça a visão social de que a única coisa que sabemos lidar é com doenças”.

Clínica?

“O trabalho em clínica, de extrema importância, é visto por um paciente, uma família. O trabalho em uma escola é visto, simultaneamente, por duzentas, quinhentas, mil pessoas”, compara a docente da Unifor. Além disso, quando o fonoaudiólogo realiza um trabalho interessante, ele certamente abre portas para outros; mas quando isso não ocorre ele fecha portas para própria Fonoaudiologia. Estamos nós preparados para esta realidade? O profissional fonoaudiólogo precisa se perceber como um educador em saúde quando adentra os muros escolares. Mas, sabe este profissional ser educador? Conhece as demandas, as técnicas, os métodos utilizados na Educação? Compreende ele sobre Educação o suficiente para promovê-la?”

Aos questionamentos que faz, a fonoaudióloga Ellen Santos dá, ela própria, as respostas. “O que tenho percebido em minha prática como consultora e assessora em Fonoaudiologia Educacional, além de docente da área, é, inicialmente, a ausência de conhecimentos necessários para que a atuação em educação da saúde da comunicação humana no âmbito escolar se faça presente e se faça perceptível pela própria comunidade escolar. A pergunta é se a formação dos fonoaudiólogos tem propiciado a obtenção destes conhecimentos, destas habilidades e fomentado este tipo de atitude para que as escolas, que reaciosamente têm nos acolhido, se sintam seguras com o nosso desempenho lá dentro?”

“Na área da Saúde – complementa Ana Luiza – a mudança do paradigma de



Foto: arquivo pessoal

Fonoaudióloga Ana Luiza Gomes Pinto Navas

ensino tem sido quase radical com as novas diretrizes, que privilegiam a formação do aluno para a atuação com ênfase na Atenção Básica da rede do Sistema Único de Saúde (SUS). É clara a tendência do Ministério da Saúde ao incentivar e apoiar estas ações por meio, inclusive, de projetos como o ProSaúde. Na área da Educação, as ações e programas governamentais voltados para a melhoria do processo ensino-aprendizagem ainda não contemplam ou reconhecem diretamente o papel do fonoaudiólogo nesse processo. Apesar disso, há alguns esforços isolados de programas de muito sucesso da atuação fonoaudiológica em escolas, e na determinação de políticas públicas na área de educação”.

Novo paradigma

Jaime Zorzi lembra que o fonoaudiólogo detém o campo da linguagem, que é inerente a todo o processo da aprendizagem, portanto é o profissional, teoricamente, do desenvolvimento dentro do sistema educacional. “E por que o fonoaudiólogo se afastou?”, questiona ele. “Porque a formação pouco contempla a questão educacional. Só contempla a patologia, quando contempla, em geral de uma maneira muito limitada. Nós somos os responsáveis por esses fatos. Nós é que apresentamos uma imagem distorcida, frente aos objetivos de nossa formação”

“Dentro da perspectiva do educador, a ideia é a de que, se a criança tem problema de fala, de voz ou de articulação, o fonoaudiólogo é chamado, mas se o problema é aprender, deve ser encaminhado para outro profissional, porque o fonoaudiólogo não se apresentou como tendo competência para isso. Este mercado restrito é consequência de nossa história. Ficamos do lado de fora porque a gente se pôs do lado de fora!”

“Vejo muitas portas de entrada, não tão grandes como no passado e isso vai exigir



Foto: arquivo pessoal

Fonoaudióloga Márcia Azevedo de Souza Matumoto

uma nova idéia do que é a escola, do que é desenvolvimento. O profissional tem que carregar o conhecimento que adquiriu, graças a sua formação na área da Saúde e fazer ajustes para o universo da Educação. A visão clínica, de doença, de patologia não vai trazer resultado". Zorzi relata que em muitos eventos que participa, têm ouvido de professores queixas em relação a palestras que ouvem de fonoaudiólogos, que consideram muito técnicas, de efeito apenas local. "Não conseguimos levar nada para a sala de aula, para a nossa conduta, a nossa atitude. É como se o interlocutor fosse muito mais da área da Saúde do que da Educação".

Para Patrícia Prado Calheta, a lógica é simples. "Se o fonoaudiólogo não se dispuser a conhecer a Educação e suas questões, ele não poderá contribuir efetivamente com os integrantes da escola. Quando alguém me pergunta por que algumas escolas têm tanta resistência à entrada do fonoaudiólogo, eu respondo com outra pergunta: o que será que estamos fazendo lá para colaborar com esta resistência? Será que não é o momento de olharmos para nossas tradicionais práticas e analisarmos o quanto elas estão atreladas à reedição de um fazer da clínica na escola que, em última instância, culpabiliza exclusivamente a criança pela 'constituição' de seu sintoma de/na linguagem?"

Para Patrícia Calheta, um avanço significativo da Fonoaudiologia em direção à Educação só vai ser efetivamente anunciado à medida que os profissionais ultrapassem o limite das ações de natureza clínico-preventiva-terapêutica e, de fato, caminhem ao encontro da escola, enfrentando contradições e histórias constitutivas dos diferentes papéis e funções sociais ali assumidos. "Ou, dito de outro modo, é preciso compor um conjunto de ações atrelado à realidade escolar e, portanto, pautado na investigação do perfil de cada instituição para o desenvolvimento de projetos de assessoria, baseados nas perspectivas e necessidades reais dos educadores e não



Foto: Elisário Couto/Inserit

Fonoaudióloga Maria Teresa Pereira Cavalheiro

previamente determinadas".

Há 14 anos envolvida com essas questões na Secretaria de Educação do município de São Bernardo do Campo (SP), Maria Azevedo de Sousa Matumoto acredita que, "embora seja um território que estamos trabalhando há muito tempo, temos que resignificar nosso papel para que se faça um serviço mais permanente, que ajude a escola de fato. Investimos muito em ajudar o aluno, como ele tivesse que se adequar à escola. Precisamos de uma mudança de paradigma. Temos que ter respeito às diferenças e a escola tem que se adequar ao sujeito que está chegando".

Números e normas

Segundo os dados fornecidos pelo Inep relativos a 2004, sobre o desempenho dos alunos no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb 2003), aproximadamente 55% das crianças chegam à 4ª série do ensino fundamental com grandes dificuldades em leitura e escrita, ou seja, sabem codificar e decodificar, entretanto revelam um conhecimento bastante restrito acerca da linguagem escrita. A fonoaudióloga Mônica Petit relata que são crianças que, muitas vezes, sabem copiar, grafar as letras, mas não sabem escrever ou compreender a leitura de um pequeno texto. Há ainda aqueles incapazes de produzir ou ler qualquer texto.

Outro ponto destacado por Mônica é a saúde do professor. "Estudos revelam que o problema mais freqüente que o acomete refere-se à voz. Grande parte dos professores em exercício apresenta ou já apresentou problemas vocais e/ou nunca se informou sobre os cuidados e tratamentos necessários. Este fato resulta no afastamento desses profissionais das salas de aula. De acordo com pesquisa realizada pela Unesp, 77% dos professores sofre com problemas vocais".

A fonoaudióloga Maria Teresa Pereira Cavalheiro relata que, "para normatizar a

prática do fonoaudiólogo na educação, os Conselhos profissionais têm se mobilizado para discutir o tema. Em São Paulo, o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 2ª Região emitiu, em setembro de 1994, um parecer procurando definir o papel e as diretrizes para a atuação do fonoaudiólogo na escola. Em dezembro do mesmo ano, publicou um segundo parecer complementar ao primeiro. Em 1999, o Conselho Federal de Fonoaudiologia publicou a Resolução nº 232/99, de âmbito nacional, sobre a atuação do fonoaudiólogo em escolas, com o objetivo de normatizar as ações e conscientizar sobre o valor do trabalho fonoaudiológico".

Para a fonoaudióloga Maria Teresa, nos três documentos fica claro que não deve ser realizado o atendimento terapêutico na escola. "Esta proibição tem como base a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - lei nº 9394/96), que definem como objetivos da educação o pleno desenvolvimento da pessoa; o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Nessa perspectiva, evidencia-se a necessidade de superar as propostas de trabalho que valorizam a figura do aluno, a quem se atribui uma doença e a responsabilidade pelo seu fracasso".

Novas bases legais têm fortalecido a relação do fonoaudiólogo com o sistema educacional, como a Resolução do CFFa nº 309, de 01 de abril de 2005, que "dispõe sobre a atuação do Fonoaudiólogo na educação infantil, ensino fundamental, médio, especial e superior, e dá outras providências". A fonoaudióloga Maria Teresa destaca o avanço deste documento quanto à perspectiva de se estabelecer a atuação fonoaudiológica em parceria com os profissionais da escola, com ênfase na promoção de saúde.

A fonoaudióloga Patrícia Calheta concorda plenamente. "Existe no texto uma clara preocupação com a realidade escolar, com ações processuais na escola, com encaminhamentos para diversos profis-



Foto: Elisário Couto/Inserit

Fonoaudióloga Patrícia Prado Calheta



Foto: Osmar Busto

Fonoaudióloga Mônica Petit Madri

sionais fonoaudiólogos (nos casos em que há indícios favoráveis à intervenção terapêutica) e até mesmo com uma triagem diferenciada, já que ela não poderá ser uma ação isolada na instituição”.

A fonoaudióloga Ana Luiza Navas lembra que há uma previsão mundial de que, no futuro próximo, o mercado de trabalho crescerá comparativamente mais na área da Educação do que na Saúde, com as políticas de inclusão e a sobrevida de prematuros extremos e/ou

de muito baixo peso, por exemplo.

“A comunidade científica tem contribuído para alertar a sociedade e, especialmente, os políticos para a importância da identificação e intervenção precoce dos Distúrbios da Comunicação. O caminho ainda é longo e árduo, mas acredito que da mesma forma em que a área da Saúde tem favorecido oficialmente a inserção do fonoaudiólogo em equipes multidisciplinares, como no caso dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família –

Nasf, teremos nos próximos anos a valorização do trabalho do fonoaudiólogo junto aos equipamentos educacionais”

Enquanto isso não ocorre, conclui Ana Luiza, “nós educadores e pesquisadores, devemos cada vez mais fortalecer os programas de investigação científica, divulgar esses achados relevantes para a educação e cuidar da formação de nossos alunos para que se preparem para esse futuro”.

Experiências exitosas

Em São Bernardo do Campo...

A fonoaudióloga Márcia Azevedo de Sousa Matumoto atua há 14 anos no ensino regular, integrando uma equipe técnica multiprofissional (também formada por terapeuta ocupacional, psicólogo, assistente social e orientadores pedagógicos) da secretaria de Educação do município de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo.

“Ao contrário da época em que me formei, em que o fonoaudiólogo era aquele profissional que triava e que tratava, hoje acredito firmemente que o fonoaudiólogo contribui para a montagem da própria proposta curricular, pensando em uma proposta de currículo que seja mais efetiva, no princípio do atendimento à diversidade e às necessidades específicas. O fonoaudiólogo, ao atuar no planejamento pedagógico do professor e no acompanhamento da aprendizagem do aluno, acaba transversalizando sua atuação, tanto no educação especial como no regular”.

“Hoje trabalho como uma assessoria escolar de fato: faço a formação permanente dos professores. Eles têm encontros mensais com a nossa equipe, no qual discutimos o olhar sobre essas crianças e as propostas que ajudam não apenas essas crianças com necessidades educacionais especiais mas também a qualidade do ensino como um todo. Faço também uma atuação junto aos professores com habilitação específica em deficiência auditiva ou mental e que fazem o suporte no horário de aula. O professor percebeu que o aluno é dele e que o fonoaudiólogo é um parceiro importante em se trabalho”.

No Recife...

O envolvimento da fonoaudióloga Teresa Didier teve início assim que se formou, em 1989, pela Universidade Católica de Pernambuco, quando foi convidada para integrar a equipe de uma escola particular na zona oeste do Recife.

“Era um projeto, acredito, bastante ousado para a época”, relata a fonoaudióloga. “Nossa idéia era ultrapassar a detecção e o encaminhamento dos problemas de linguagem, além de chegar às salas de aula como instrumento facilitador da aprendizagem dos alunos, numa fase de aquisição e desenvolvimento da comunicação oral e gráfica. Apesar de, no começo, ser tudo muito novo, logo foi percebida a necessidade da Fonoaudiologia atuar de forma preventiva, integrada aos demais serviços da escola. A grande aprovação dos alunos no universo de nossas ações e o seu reflexo no processo ensino-aprendizagem foram, sem dúvida, os meios facilitadores da nossa integração”.

A direção da escola ressaltou o pioneirismo deste trabalho inovador, num tempo em que poucos fonoaudiólogos atuavam nessa área e a diretora pedagógica e psicóloga da Escola, Isabel Ledebour, deu seu depoimento: “a Fonoaudiologia veio renovar e dar maior integração aos projetos educacionais vivenciados em sala de aula. Com criatividade, as fonoaudiólogas, sensíveis às necessidades infantis, estimulam os alunos a gostar de ler, escrever e a expressar-se, utilizando as mais diversas formas de expressão para ampliar o conhecimento interno e externo do seu mundo.”

... e em Goiás

O Estado de Goiás conta, desde 1999, com uma equipe multiprofissional que atua, em caráter educacional, nas escolas de Goiânia e interior de Goiás. A equipe é composta por 49 fonoaudiólogos, 59 psicólogos, 35 assistentes sociais e 22 pedagogos e um instrutor de Braille, que atuam em conjunto no atendimento às necessidades das escolas.

“As atribuições da equipe variam em função da especialidade – relata a fonoaudióloga Renata Tavares Estrela, gerente de Ações Multissetoriais do programa – porém todos os profissionais trabalham em conjunto, orientando e acompanhando o processo ensino-aprendizagem do aluno nas suas diversas interfaces: aluno/professor, das condições ambientais da escola, da interação aluno/aluno e do estilo preferencial de aprendizagem do aluno”.



Foto: arquivo de Renata Estrela

Apresentação do Projeto “Educação Vocal” em Goiânia

O desenvolvimento se dá através de orientações diretas e acompanhamento in loco. Renata continua seu relato. “Com a equipe é possível desenvolver programas de orientação para as famílias e a comunidade, para sua integração no processo de inclusão educacional, sistematizando ações destinadas à comunidade escolar e as famílias, tais como palestras, ciclos de estudos, seminários, orientações específicas, enfocando seu caráter preventivo”.

Desde 2007 a equipe de fonoaudiólogos desenvolve nas escolas a execução do projeto Educação Vocal, que visa promover e proteger a voz do professor, através de aquecimentos e desaquecimentos vocais, palestras e workshops sobre uso adequado da voz e saúde vocal. “Os professores reservam um tempo para a realização de exercícios e orientações sobre a fala e uso da voz como instrumento de trabalho. O trabalho não atinge somente os professores, pois estes uma vez informados e capacitados desta temática, também têm alertado seus alunos quanto aos abusos e mau uso da voz”.

A atuação dos fonoaudiólogos, assim como de toda a equipe multiprofissional, está sob a responsabilidade da Coordenação de Ensino Especial da Secretaria do Estado de Educação de Goiás.

MEC cria novos conceitos para avaliar curso superior

O Ministério da Educação criou novos conceitos para avaliar a educação superior, que serão usados como referência para a concessão ou renovação de licenças de funcionamento de cursos de ensino superior e servirão de base para sanções ou medidas de melhoria em cursos e instituições com desempenho ruim. Com esse novo critério haverá a redução das avaliações de especialistas *in loco* – só os cursos considerados deficientes terão obrigatoriedade de visita.

Com esta nova metodologia, além do desempenho e da evolução dos estudantes no Enade (o antigo "provão"), serão considerados o perfil do corpo docente (como número de professores com dedicação integral) e a percepção dos alunos, com base nos questionários do Enade. Até 2007, o MEC adotava como padrão para avaliar os cursos apenas os dados referentes à prova (conceito Enade).

Esta nova avaliação terá como base novos indicadores. Um deles é o Indicador de Diferença de Desempenho (IDD), que mede o conhecimento agregado pelos cursos aos estudantes. Ele é calculado a partir da diferença entre o desempenho dos formandos de 2007 e o dos ingressantes de 2004.

Outro novo indicador é o Conceito Preliminar dos Cursos de Graduação (CPC). Ele será calculado a partir de uma média ponderada entre a nota do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), o IDD (Indicador de Diferença de Desempenho) e os insumos do curso – recursos pedagógicos, infra-estrutura e qualificação dos docentes.

A nota de cada curso no Enade 2007 teve peso de 40% no conceito preliminar. Já o IDD vale outros 30%. Os demais 30% são resultado da opinião dos estudantes sobre o projeto pedagógico e da infra-estrutura dos cursos, conforme questionários respondidos por quem participa do Enade e da titulação e do regime de trabalho dos docentes.

O conceito será de 1 a 5. Segundo o Inep, 1 e 2 corresponderão a cursos sem condições de funcionar. O conceito será final apenas após a visita da comissão do MEC (que será obrigatória nos cursos notas 1 e 2 e optativa para os demais). Os cursos são avaliados a cada três anos.

A mudança de critério adotada pelo MEC para avaliar as universidades fez com que 214 cursos deixassem de estar nos patamares mais baixos (notas 1 e 2). Este nível é considerado pelo governo como de cursos sem condições de qualidade para funcionar e que sofrerão fiscalização mais próxima do Ministério da Educação.

Na outra ponta, 86 deixaram de ser considerados "referência" (nota 5). A análise inclui as 16 áreas de conhecimento avaliadas pelo MEC em 2007. Enfermagem, com 540 cursos; Educação Física, com 497 e Fisioterapia, com 399, foram aquelas com maior número de cursos participantes representando, juntas, 44,3% do total. Foram avaliados, também, cursos de Fonoaudiologia, Agronomia, Biomedicina, Farmácia, Medicina, Veterinária, Nutrição, Odontologia, Serviço Social, Tecnologia em Radiologia, Tecnologia em Agroindústria, Terapia Ocupacional e Zootecnia.

De acordo com ministro da Educação Fernando Haddad, o conceito preliminar é um avanço no sistema de avaliação e somente cursos de má qualidade irão temer a novidade. O presidente do Inep, Reynaldo Fernandes nega a intenção de diminuir o número de cursos com notas baixas ou no topo da escala.

Do outro lado, o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular criticou a criação do CPC e sua divul-

gação pelo MEC. Segundo o Fórum, além de revogar parcialmente a lei que criticou o Sistema Nacional de Avaliação de Ensino Superior (Sinaes), o novo instrumento avaliativo prejudicará a imagem das instituições e, por consequência, os alunos.

Enade em 2007

Do total de cursos avaliados no último ano, as instituições privadas representaram 76,9%. A Região Sudeste concentrou 48,6% dos cursos avaliados. Apenas 25 dos 3.239 cursos superiores avaliados no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes em 2007 alcançaram nota máxima no exame.

O Estado que apresentou maior número de cursos com notas máximas nos três conceitos avaliados pelo MEC foi Minas Gerais (oito, todos de instituições federais), seguido pelo Paraná (com sete cursos, seis de estaduais e um de federal). O Rio Grande do Sul teve três cursos de faculdades federais com nível de excelência. São Paulo teve somente dois cursos com notas máximas mas duas das mais conceituadas universidades do Estado, a USP (Universidade de São Paulo) e a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) não foram avaliadas, pois seus alunos decidiram boicotar o exame.

Acesse

<http://www.inep.gov.br/superior/enade/> para conferir todos os resultados do Enade 2007.

pronta entrega

Oportunidade para ficar bem acompanhado em 2008!

Equipamento de 2 canais, totalmente digital, realiza processamento auditivo completo. Alta tecnologia proporcionando rapidez e precisão nos resultados. Dois anos de garantia.

Design avançado, Leve e Compacto. Memória Interna para mais de 700 exames. VISOR EM 3 IDIOMAS (português, inglês, espanhol) Data e hora, Audiogramas até 12 kHz, Opção de alta frequência até 20 kHz.

BETA MEDICAL

Fabricação Nacional

Vendas (11) 3822-3733
www.betamedical.com.br



Foto: arquivo pessoal

Carreira militar, um desafio fascinante

O município de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul concentra o segundo maior contingente militar no Brasil, atrás apenas da cidade do Rio de Janeiro. É também nessa cidade que está localizado um dos mais conceituados cursos de Fonoaudiologia do país, na Universidade Federal de Santa Maria.

A junção destas duas características justifica a razão pela quais as quatro profissionais entrevistadas pelo *Jornal do CFFa* nesta edição, que optaram pela vida militar e exercem sua atividade profissional nas Forças Armadas – uma no Exército, na uma Marinha e duas na Aeronáutica – são todas egressas da mesma instituição e possuem vínculos familiares com a caserna.

Pioneira na vida militar...

Em 1984, um ano após a conclusão do curso de Fonoaudiologia na Universidade Federal de Santa Maria (RS), a hoje tenente-coronel Maria Adelaide Kuhl Reichembach, não tinha ainda noção sobre como seria a vida militar e nem como seria a integração da Fonoaudiologia nesse ambiente. Mesmo assim decidiu ingressar no quadro da Força Aérea Brasileira (FAB).

“O que me atraiu a candidatar-me à carreira militar foi a proposta de um trabalho em um hospital, cujo ambiente seria multidisciplinar. Aventurei-me e realizei a inscrição sobre influência de uma prima, psicóloga, que fazia o concurso comigo”, relata ela ao *Jornal do CFFa*. “Quando soube que tinha sido selecionada, fiquei muito surpresa e ao mesmo tempo apreensiva. Como seria a minha vida a partir daquele momento?”.

Antes de ingressar no hospital, precisava realizar um curso de quatro meses em Belo Horizonte, com o objetivo de se adaptar à vida militar. “De malas prontas, lá fomos nós, as três selecionadas daqui do sul. Tudo era muito novo, as colegas, a rotina do dia, os uniformes, as obrigações, as aulas de regulamentos, as provas, os oficiais, os vínculos de amizade que se formavam ali... Muitas informações e muita ordem unida. Durante o curso, discutíamos bastante sobre como seria a nossa entrada nos locais de trabalho. Muitas de nós seriam pioneiras na sua área. E eu era uma delas”.

Recentemente promovida a tenente-coronel, Maria Adelaide Kuhl Reichembach é a pioneira e provavelmente também a única fonoaudióloga que integra a carreira militar, como oficial. As demais fonoaudiólogas que hoje participam da vida militar – e provavelmente são centenas, de acordo com estimati-

O *Jornal do CFFa* ouviu a fonoaudióloga Maria Adelaide Kuhl Reichembach, tenente-coronel da Aeronáutica em Canoas (RS), a pioneira (e provavelmente também a única) que pertence efetivamente à carreira militar, desde 1984. A situação mais comum – como as da primeira-tenente Carla Cassandra de Souza Santos (também da Aeronáutica), da primeira-tenente Márcia Siqueira (do Exército) e Michelle Gindri Vieira (da Marinha) – é de integrar os quadros técnicos, com contratos ainda finitos.

Em comum, o sentimento de que essa atuação nas Forças Armadas possibilita não apenas o crescimento na área profissional, mas desenvolve, sem dúvida, liderança, poder de decisões, responsabilidade, senso de civismo e um olhar mais comprometido com a Pátria.



Foto: arquivo pessoal

Fonoaudióloga Maria Adelaide Kuhl Reichembach, tenente-coronel da Aeronáutica e pioneira na área militar

vas coletadas recentemente pelo Jornal do CFFa – são dos quadros técnicos do Exército, da Marinha e da Aeronáutica.

Ao retornar para Canoas (RS), após 16 semanas de curso de adaptação no CIAAR Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica (CIAAR), a primeira ordem recebida foi: “montem as suas clínicas e desenvolvam o seu trabalho.” Muitos dos colegas do Hospital de Aeronáutica de Canoas (HACO) não sabiam qual era a área de atuação da Fonoaudiologia e foi necessária a divulgação junto a esses colegas e aos usuários”, relata a fonoaudióloga. “A demanda naquela época era de terapia fonoaudiológica em crianças. Com o passar do tempo, foi crescendo a consciência de que a Fonoaudiologia trabalha com todas as idades”.

Maria Adelaide Kuhl Reichembach desenvolveu a seção de Fonoaudiologia do HACO e, com o passar do tempo, foram sendo identificadas novas necessidades. “Com a minha entrada na vida acadêmica e na minha pós-graduação, criei os estágios clínicos em Fonoaudiologia, oferecendo local de estágio para as universidades locais. Essa iniciativa abriu um espaço importante dentro da instituição”, conta a fonoaudióloga.

“Conseguimos, com muito esforço, mais uma vaga de fonoaudiólogo para o HACO, no quadro complementar, e iniciamos, na maternidade, a orientação às parturientes sobre amamentação e desenvolvimento da comunicação de seus bebês”.

Com o crescente reconhecimento do trabalho, cresciam também as novas solicitações por parte dos usuários. Foi criado um programa de preservação da audição dos profissionais, em que periodicamente eram analisados os limiares auditivos de militares que atuavam diretamente nos aviões e em sua manutenção. Esse programa está em funcionamento até hoje. Com o mesmo intuito, foi disponibilizado esse mesmo atendimento aos dentistas do hospital, que constituem um grupo de risco à perda auditiva.

Um projeto importante destacado pela fonoaudióloga foi o conduzido junto aos componentes da Banda de Música da Base Aérea de Canoas. “Identificamos dificuldades auditivas e de motricidade orofacial associadas ao uso do capacete, que era parte do uniforme e impossibilitava o desempenho adequado da função do músico ao tocar o instrumento. Com o projeto, facilitamos e melhoramos o desempenho deste profissional na sua atividade”.

O atendimento fonoaudiológico hoje está incluído em vários programas de prevenção e em grupos de convi-

vência e operativos desenvolvidos no HACO. Os dois profissionais fonoaudiólogos do hospital atuam em três setores de atendimento: ambulatorial (com fonoterapia e aprimoramento da comunicação), hospitalar (no atendimento ao leito de casos neurológicos, de disfagia e outras doenças degenerativas) e em Audiologia (com exames clínicos-audiométricos; programa de conservação da audição e exames auditivos na Junta de Saúde, o local em que são realizados os exames clínicos para carteira de saúde de todos os aeronavegantes civis e militares).

“Sinto-me realizada dentro desta instituição. O trabalho na FAB proporcionou o meu crescimento profissional e sempre me permitiu desenvolver o princípio fundamental da Fonoaudiologia: o cuidado com o ser humano na estimulação, na preservação e no aprimoramento da comunicação em todos os seus níveis”, avalia Maria Adelaide Kuhl Reichembach.

Filho de peixe...

A 1ª tenente Carla Cassandra de Souza Santos tinha a quem puxar. Seu pai era suboficial (trabalhava com equipamentos de vôo) e sempre gostou da instituição militar. No último ano da faculdade na Universidade Federal de Santa Maria, em 2002, Carla fez estágio na Base Aérea de Santa Maria (BASM) com a fonoaudióloga da unidade, tenente Karynne.

Em 2003 a fonoaudióloga foi aprovada no concurso que a Aeronáutica abriu, para a BASM (esses concursos são realizados anualmente, para diversos profissionais de curso superior) e iniciou imediatamente o treinamento no CIAAR, em Belo Horizonte (MG).

“Estou em Santa Maria desde janeiro de 2004, como primeiro-tenente. Este é o último posto que poderei ocupar. Infelizmente, a Aeronáutica não propicia um plano de carreira para a maioria dos profissionais com curso superior. O edital do concurso já menciona que o tempo máximo de permanência é de nove anos”.

Todos os militares da BASM têm a audição avaliada anualmente. No final do ano, a fonoaudióloga organiza os dados obtidos nas anamneses e avaliações para expor aos esquadrões. “Faço palestras sobre os malefícios da exposição ao ruído e a importância do uso de equipamento de proteção individual. Além da avaliação auditiva clínica de militares, os dependentes são também atendidos. Tive a oportunidade de desenvolver minha pesquisa de mestra-



Foto: Elisário Couto/Insert

Primeira-tenente Carla Cassandra de Souza Santos, também da Aeronáutica

do (Processamento auditivo de militares expostos a ruído ocupacional: um estudo longitudinal) dentro da BASM, autorizada pelo comandante da base e pelo Esquadrão de Saúde”.

“Desde que saibamos aliar a nossa profissão à carreira militar, que tem como pilares a hierarquia e a disciplina, o trabalho dentro da Aeronáutica é gratificante”, garante a fonoaudióloga Carla Santos. “E, na verdade, não somos minoria no Esquadrão de Saúde. Há muitas dentistas, médicas, farmacêuticas, enfermeiras, psicólogas e técnicas em enfermagem. Não sou também a única fonoaudióloga. Seis meses depois de ingressar na BASM, chegou a tenente Marta Romero e com isso dividimos as tarefas, eu com os programas de conservação auditiva e a motricidade orofacial e ela mais especificamente com a terapia, tanto dos militares como de seus dependentes”.

Interação de duas profissões...

“Ao ingressar no exército, você tem uma segunda profissão, que passa a ser a primeira, porque além de exercer a Fonoaudiologia, existem todas as funções e posturas atribuídas a um oficial do exército, que participa de todas as atribuições inerentes ao exercício militar. A avaliação é da fonoaudióloga Márcia Siqueira, que ingressou no Exército em 2005, para atuar no Hospital da Guarnição de Santa Maria (HGUSM).

“O retorno é excelente, tanto pelo aspecto pessoal, porque você aprende a se conhecer e a testar os próprios limites, quanto pelo profissional, porque atua em uma equipe multidisciplinar, é

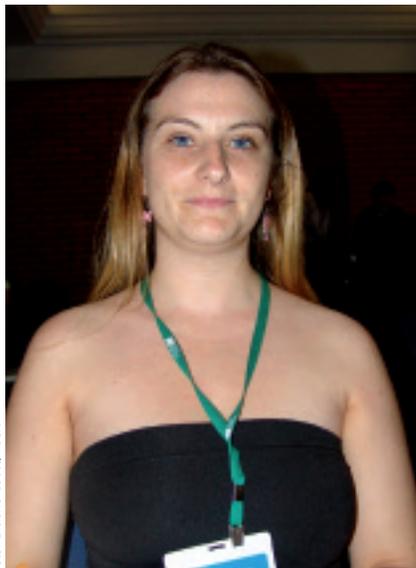


Foto: Elisário Couto/Insert

**A primeira-tenente
Márcia Siqueira, do Exército**

estimulado ao constante aperfeiçoamento profissional e tem um bom retorno financeiro". Márcia vê apenas um inconveniente: "No Exército ainda não existem fonoaudiólogos de carreira, apenas temporários, que participam de um processo seletivo por meio de testes físicos e cognitivos, entrevistas, exames de saúde e análise de currículo. Outras áreas da Saúde já conquistaram uma vaga no QCO (Quadro Complementar de Oficiais), a escola que forma oficiais de carreira nas áreas de administração, informática, direito, educação e no quadro complementar de saúde".

Para concorrer, o candidato, além de ser aprovado nessas etapas, deverá ter idade inferior a 38 anos e se comprometer a prestar o serviço por um período mínimo de 12 meses. Ao ingressar, participa do Estágio de Serviço Técnico (EST).

A primeira fase desse estágio, com duração de 45 dias, é de adaptação à vida militar. A fonoaudióloga conta como ele ocorre. "É realizado em um quartel militar, com provas de tiro, treinamento físico militar, testes de aptidão física, ordem unida, aulas teóricas e práticas e uma atividade de acampamento ao final, dormindo no chão, construindo abrigo, carregando mochila pesada, fuzil, capacete, com provas de sobrevivência, orientação diurna e noturna, provas de obstáculos..."

A segunda fase do estágio é destinada à aplicação de conhecimentos técnico-profissionais (no caso de Márcia, como fonoaudióloga), na unidade em que atuará "No período de estágio ocupamos o posto de aspirante-a-oficial. A promoção a segundo-tenente

ocorre após os seis meses de estágio e três anos após ocorre a promoção a primeiro-tenente, posto máximo ocupado por um fonoaudiólogo no Exército Brasileiro, já que o contrato máximo de um oficial temporário é de sete anos, renovados a cada ano. Atualmente, ocupo o posto de segundo-tenente".

Márcia Siqueira foi a primeira fonoaudióloga do Exército à atuar no interior do Rio Grande do Sul. "Por isso, não havia outra opção senão organizar, sistematizar e equipar todo o serviço de atendimento fonoaudiológico no hospital. Antes, o atendimento era realizado por profissionais autônomos credenciado em suas clínicas. Com a grande demanda de pacientes, o atendimento no hospital é realizado por profissionais militares da própria instituição, complementado por atendimento externo por profissionais e organizações credenciadas de saúde".

O atendimento fonoaudiológico, tanto para os militares da região como seus dependentes, ocorre nas áreas de voz, motricidade orofacial e linguagem (o serviço de audiolgia ainda não é oferecido) para pacientes externos (atendimento clínico no ambulatório do hospital) e internos (junto ao leito, no pronto atendimento médico e enfermaria do hospital). O fonoaudiólogo também participa da realização de perícias, triagens e acompanhamentos de pacientes que participam de programas multidisciplinares. O HGUSM conta com um serviço de *Home Care*, no qual a Fonoaudiologia está inserida.

Em todas as áreas...

Fonoaudióloga formada pela Universidade Federal de Santa Maria em 2000, Michele Gindri Vieira optou pela Marinha. Em 2005 passou a trabalhar no Comando do 5º Distrito Naval, na cidade de Rio Grande (RS), na primeira vaga aberta pela Marinha para fonoaudiólogo na região sul. Atualmente está na Escola de Aprendizes Marinheiros de Santa Catarina (EAMSC), em Florianópolis (SC), uma das quatro escolas de formação de marinheiros da Marinha do Brasil. Nesse local foi recentemente disponibilizada mais uma vaga de fonoaudiólogo.

Para Michele, "o ingresso na Marinha do Brasil, além da questão financeira, foi uma conquista pessoal, de realização profissional, desafio e superação constante. A admiração pelas Forças Armadas vem desde minha infância, acompanhando a vida militar de meu pai, o que sempre me despertou interesse".

O fonoaudiólogo, na Marinha do Brasil, ingressa como oficial (Michele é primeiro-tenente) e faz parte do quadro de Apoio à Saúde, onde presta apoio ao pessoal militar da Marinha e seus dependentes e exerce atividades que contribuam para a atividade-fim da Marinha. O atendimento fonoaudiológico é realizado em Ambulatórios Navais, como no 5º Distrito Naval onde Michele trabalha, e também em policlínicas e hospitais em outros Distritos. "Nesses ambulatórios também estão presentes médicos, enfermeiros, dentistas, farmacêuticos e fisioterapeutas, possibilitando um atendimento interdis-



Foto: arquivo pessoal

Primeira-tenente Michele Gindri Vieira, da Marinha, no consultório de Fonoaudiologia do Ambulatório Naval de Rio Grande (RS)

ciplinar privilegiado, com o apoio das psicólogas e assistentes sociais”.

O campo de atuação do fonoaudiólogo engloba praticamente todas as áreas de competência da profissão. “Nossa prática clínica inclui motricidade orofacial, linguagem oral e escrita e voz e conta com recursos terapêuticos como jogos lúdicos e clínicos”. Michele dá alguns exemplos de outras ações rotineiramente realizadas: palestras aos professores, instrutores e monitores na EAMSC; audiometria ocupa-

cional para acompanhar a audição dos militares desde seu ingresso na Marinha e avaliações periódicas e demissionais, quando necessárias e orientações e conscientização quanto ao uso do equipamento de proteção individual (EPI) nos dias de treinamento de armamento.

Além da atuação fonoaudiológica propriamente dita, o fonoaudiólogo desempenha funções militares como os demais oficiais da Marinha do Brasil: no serviço militar, em ações cívico-sociais, nos proje-

tos sociais, em treinamentos, formaturas e desfiles militares e em representações nos eventos da sociedade. Dentre várias atividades realizadas de cunho militar, Michele Gindri Vieira participou do Projeto Ametista (um estágio de integração social para meninas pertencentes à faixa etária de 14 a 17 anos), das comemorações do bicentenário de Tamandaré, patrono da Marinha e dos 150 Anos da ESMSC, onde foi responsável pelas atividades voltadas para as artes e divulgação na comunidade.

HOMENAGEM

Haja entusiasmo...

Aos 82 anos, disposição não falta para Maria das Graças de Sá Leitão Didier. Ou melhor, para Gracita Didier, como é conhecida no Recife, onde sempre viveu e onde continua colecionando amizades e carinho dos colegas fonoaudiólogos e das alunas do curso de graduação da Universidade Católica de Pernambuco que, ano após ano, sem exceção, a homenageiam na solenidade de colação de grau. “Elas me respeitam muito e quando me encontram na rua fazem aquela festa toda. Não é vaidade não. Tenho a cabeça bem branca e sempre me beijam nos cabelos. Esse carinho gratifica. É amor, é afeto...”

A idade não é barreira para Gracita Didier. É muito mais um desafio, como o que agora enfrenta na obtenção do doutorado na Universidade Federal de Pernambuco, no curso de Letras. “Para isso, agora a minha preocupação é estudar o som da criança antes dela aprender a falar. Todos sabemos que a criança expressa uma contração nos lábios. É sobre essa linguagem não verbal, vinda da amamentação, que estou desenvolvendo meu trabalho. Estou sempre pesquisando e já consegui superar três cadeiras nessa busca pelo doutorado. Ainda faltam outras e isso me dá muita satisfação”, entusiasma-se Gracita.

É o mesmo entusiasmo que a acompanhou por toda sua vida profissional e que a fez uma incentivadora e, finalmente, uma das fundadoras do curso de Fonoaudiologia da Universidade Católica de Pernambuco – o primeiro do Estado – ainda na década de 80, quando a profissão nem era ainda regulamentada e onde depois foi docente até bem pouco tempo, até se aposentar.

Na distante década de 40, quando Gracita terminou o curso de magistério

e ingressou nos quadros do Estado, começou a se interessar pelas classes de alfabetização. “Fui convidada a lecionar no Instituto de Pesquisas Pedagógicas da Secretaria de Educação de Pernambuco. Depois, passei a ser professora do Centro de Educação de Excepcionais da Secretaria da Educação”

“Desde o início minha preocupação era com a linguagem e fundamos, com outras colegas, o Serviço de Educação Especial. Mais tarde, também o curso de Educação Especial na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda. Quando fui convidada a participar da clínica de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), ali organizei um departamento voltado para linguagem”.

A lista de sua atividade profissional é longa e inclui a docência na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda e no curso de Psicologia da Unicap, além de trabalho como logopedista do Colégio Santa Maria de Boa Viagem. No curso de Fonoaudiologia que ajudou a criar, foi professora de várias disciplinas. “Já estava formada em Psicologia e tinha feito metade do curso de Direito, nessa época”, lembra-se.



Foto: Imprensa – CFFa 4ª Região

Fonoaudióloga Maria das Graças de Sá Leitão Didier

Gracita fez o mestrado graças a um convênio da Universidade Católica de Pernambuco com a PUC de São Paulo. “Minha dissertação foi sobre a história da Fonoaudiologia em Pernambuco e até hoje muita gente pede cópias desse trabalho para saber um pouco mais da profissão por aqui”. É também autora do livro “Vertentes da Minha Memória” e agora está escrevendo o livro “Sucção não alimentícia”.

A fonoaudióloga recebeu a comenda Maurício de Nassau, concedida pela Faculdade Maurício de Nassau em uma homenagem que até hoje relembra com emoção.

CEV **XIII Simpósio Internacional**
Princípios de Terapia de Voz – Prática Baseada em Evidências
Método dos Exercícios de Função Vocal – EFV
São Paulo, 4 e 5 de outubro de 2008

Dr Joseph Stemple
University of Kentucky, EUA
Fundador do Blaine Block Institute for Voice Analysis and Rehabilitation

Dra Mara Behlau
Coordenadora

Tópicos do evento teórico-prático

- Distúrbios vocais, anatomia e fisiologia da produção vocal
- Alterações do mecanismo vocal e avaliação vocal diagnóstica
- Métodos de terapia de voz: o que nos diz a evidência científica?
- Treinamento completo do Método dos Exercícios de Função Vocal - EFV

Local: Teatro Marcos Lindenber, UNIFESP-EPM, São Paulo - SP
Informações: cevfono@uol.com.br ou (11) 5575-1710 **VAGAS LIMITADAS!**

OPERAÇÃO SORRISO

Transformando vidas, gerando sorrisos



Foto: arquivo de Midori Hanayama

Fonoaudióloga Midori Hanayama acompanha criança indicada para cirurgia

Três fonoaudiólogas brasileiras – Evelin Gondim (de Fortaleza, CE), Eliane Midori Hanayama (de São Paulo, SP) e Rita Tonocchi (de Curitiba, PR) participam há dois anos, como voluntárias, das ações desenvolvidas no país pela Operação Sorriso do Brasil. Inicialmente estabelecida no Brasil em 1997 como Fundação *Operation Smile* Brasil, esta é uma instituição privada sem fins lucrativos, reconhecida como OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) voltada ao tratamento cirúrgico de crianças e jovens brasileiros portadores de fissura lábio-palatina (lábio leporino e fenda palatina).

Embora não exista um levantamento de dados oficial do número de pessoas portadoras de fissuras, a estimativa normalmente aceita e divulgada pelos centros de tratamento de fissurados no Brasil é de uma criança com o problema em cada 650 nascidos vivos, o que resultaria numa população de 280.000 pessoas afetadas hoje em todo o país.

Nos primeiros anos do programa as fonoaudiólogas eram norte-americanas, que acompanhavam os cirurgiões plásticos,

pediatras, anestesiistas, e enfermeiros estadunidenses nas ações internacionais programadas mas que, em razão da barreira do idioma, restringiam sua atuação a orientações no pós-operatório e nas questões de alimentação. “Em 2006 fomos convidadas – Rita e eu – a participar do que chamamos de ‘missões’, os mutirões cirúrgicos. Chegamos a efetuar em cada um desses momentos a triagem de cerca de 400 a 450 crianças, analisando condições de fala e outras características, para que em torno de 130 fossem operadas durante a semana em que se desenvolvia o programa internacional”. O relato é da fonoaudióloga Eliane Midori Nakayama. “Depois da cirurgia, inicialmente apenas orientávamos o pós-operatório, tal como as profissionais norte-americanas faziam. Constatamos porém que poderíamos fazer muito mais e em 2007 incluímos orientações sobre o desenvolvimento da linguagem, da audição e questões específicas relacionadas ao problema de fala. Começamos a gravar essas condições, antes e depois das cirurgias de palato, para que pudessem ser avaliados os resultados cirúrgicos”.

Todos os pacientes operados pela Operação Sorriso são submetidos no pri-

meiro ano a três avaliações pós-operatórias. A primeira delas é feita uma semana depois da cirurgia, a segunda seis meses depois e a terceira, após um ano. Além da avaliação fonoaudiológica, os pacientes são avaliados nos aspectos cirúrgicos, nutricionais e odontológicos. Caso necessário podem ser ainda encaminhados para outros profissionais.

Para este trabalho voluntário – as adesões são sempre bem recebidas – há obviamente necessidade de um embasamento prévio, com experiência comprovada. A fonoaudióloga Midori Nakayama conta que a Operação Sorriso implementou vários programas educacionais, onde os fonoaudiólogos atuantes na área vão às cidades distantes daquelas que oferecem esses serviços especializados e fazem treinamento teórico-prático para capacitação dos cirurgiões plásticos e fonoaudiólogos locais em missões mais curtas, com menor número de cirurgias.

Atuação mundial

A *Operation Smile* é uma organização internacional sem fins lucrativos fundada por William P. Magee e sua esposa Kathleen Magee em 1982, nos Estados Unidos, dedicada ao tratamento de deformidades faciais. Hoje atua em 27 países e, em 2007, alcançou o expressivo número de 120 mil crianças atendidas gratuitamente desde sua fundação. Em todos os locais, a atuação se dá com a junção do trabalho voluntário com o patrocínio de indivíduos e empresas socialmente responsáveis.

Dois tipos de programas cirúrgicos são desenvolvidos pela Operação Sorriso: os nacionais e os internacionais.

Os nacionais são aqueles compostos na sua grande maioria por profissionais brasileiros. Em um programa típico são operadas 40 a 50 crianças. Graças ao excelente nível dos profissionais brasileiros e diferentemente de vários outros países onde a *Operation Smile* atua, não há necessidade de trazer um grande número de profissionais estrangeiros para ajudar na realização dos programas

no país. Por esta razão são priorizados os programas locais e voluntários brasileiros são frequentemente encaminhados para os programas realizados no exterior.

O programa internacional é composto por uma equipe de 35 a 40 profissionais credenciados, brasileiros e estrangeiros que trabalham lado a lado para realizar cirurgias em um período de dez dias. Entre 100 a 150 crianças são tratados em um programa internacional típico. Até o momento foram realizados 18 desses programas internacionais no país. Todos os estrangeiros atuam no país com permissão de trabalho e autorizados pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil e pelos Conselhos Regionais locais de suas respectivas áreas, além de autorização pelas Secretarias de Saúde do Estado para realização do programa.



Foto: arquivo de Midori Hanayama

Triagem de pacientes, em uma das missões realizadas pela Operação Sorriso

A Operação Sorriso do Brasil mantém completa responsabilidade na coordenação dos programas nacionais, levantamento

de fundos e estabelecimento de acordos com instituições e empresas parceiras. Em contrapartida, a *Operation Smile* compromete-se com o suporte financeiro relativo aos programas internacionais. Seu diretor nacional é o médico Nivaldo Alonso, coordenador do Centro de Cirurgias Crâniofaciais da USP e atual presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Craniomaxilofacial.

Em seu site, em www.operacaosorriso.org.br, a Operação Sorriso do Brasil destaca as ações de voluntariado, a implementação de um Padrão de Tratamento Global para todos os seus programas, a doação de equipamentos pela *Operation Smile*, o treinamento de profissionais de Saúde de todos os países associados em programas avançados realizados nos Estados Unidos e os programas cirúrgicos nos hospitais públicos em conjunto com as Secretarias de Saúde estaduais e municipais. Os programas educacionais (simpósios, oficinas, palestras, etc) com o objetivo de ampliar a auto-suficiência no tratamento do fissurado, do estímulo a troca de conhecimentos e experiências entre os profissionais dos países parceiros da *Operation Smile* é outro ponto de destaque da organização.



Foto: Operação Sorriso Brasil

Profissionais voluntários na 9ª missão realizada de Fortaleza, no ano de 2006

O primeiro programa desenvolvido pela organização no Brasil aconteceu em 1997 na cidade de Fortaleza, com o envolvimento da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará. Hoje, além do Ceará (onde a ação é repetida anualmente), a Operação Sorriso atua em Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Mato Grosso e Pará e prepara, para o período de 14 a 22 de agosto, seu programa internacional na cidade do Rio de Janeiro, quando está previsto o atendimento cirúrgico de 125 pacientes.

O número de programas realizados no Brasil, até maio de 2008, foi de 28, com 5.440 pacientes examinados e 2.539 operados. Nesse período foram realizados 3.292 procedimentos cirúrgicos (um paciente pode se submeter a mais de uma cirurgia na mesma ocasião).

Suporte educacional

O aprimoramento técnico dos profissionais envolvidos nas operações realizadas é obtido através de *workshops*, convênios com centros médicos e treinamentos especializados em Pediatria, Anestesiologia, Cirurgia Plástica, Odontologia, Fonoaudiologia, Genética e Nutrição.

Um dos eventos mais recentes foi a Conferência Latino-Americana de Fonoaudiologia, patrocinada pela *Operation Smile Internacional*, nos dias 20 e 21 de abril, em Bogotá, Colômbia, em que foram convidadas



Foto: arquivo de Midori Hanayama

Em Bogotá, as fonoaudiólogas Evelin Gondim, Eliane Midori Hanayama e Rita Tonocchi, em companhia do dr. Luiz Bermudez, cirurgião plástico da Colômbia, e Michel VanLue, fonoaudiólogo norte-americano da *Operation Smile*

Gerenciamento de carreira: o ajuste das expectativas

Em nosso país, nos últimos anos, o setor de Saúde foi totalmente reconfigurado mas o fonoaudiólogo ficou estacionado no modelo antigo em que ele era o foco, como prestador de serviço ao cliente. Hoje, temos de um lado as fontes pagadoras (o Sistema Único de Saúde e a Saúde Suplementar) e do outro o fonoaudiólogo como um dos prestadores de serviço. São outros tempos e as oportunidades são outras. Não podemos ficar no modelo antigo do mercado da saúde. Se não estivermos enquadrados neste novo sistema, não há como planejar o percurso profissional, a começar pela formação e passando pela especialização e mestrado”.

A avaliação é da dra. Beatriz Cavalcanti de Albuquerque Caiuby Novaes, professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da mesma universidade, com mestrados no Brasil e no exterior, doutorado nos Estados Unidos e MBA em Gestão em Saúde pelo IBMEC de São Paulo.

“O fonoaudiólogo precisa urgentemente mudar essa visão”, continua a dra. Beatriz. “As reformas curriculares estão cada vez mais centradas na saúde coletiva e é preciso considerar o quanto o fonoaudiólogo efetivamente possui essa inserção”.

Para ilustrar a necessidade desta mudança de posicionamento, a dra. Beatriz Novaes cita uma reportagem recente sobre



Foto: Elisário Couto/Insert

Fonoaudióloga Beatriz Cavalcanti de Albuquerque Caiuby Novaes

publicitários da área de criação, em que se relatava a busca desses profissionais pela formação em gestão e em finanças. “Mesmo inserido no contexto da criação, esse profissional necessita de uma inserção também nas questões financeiras e nas estratégias e metas da empresa. Se isso não ocorrer, ele nunca será um bom criador. A Coordenadoria de Estágios da PUC-SP está preocupada com essa questão e está redimensionando sua atuação para ajudar o profissional em formação e, sua busca”.

A diferenciação entre emprego e carreira é essencial.

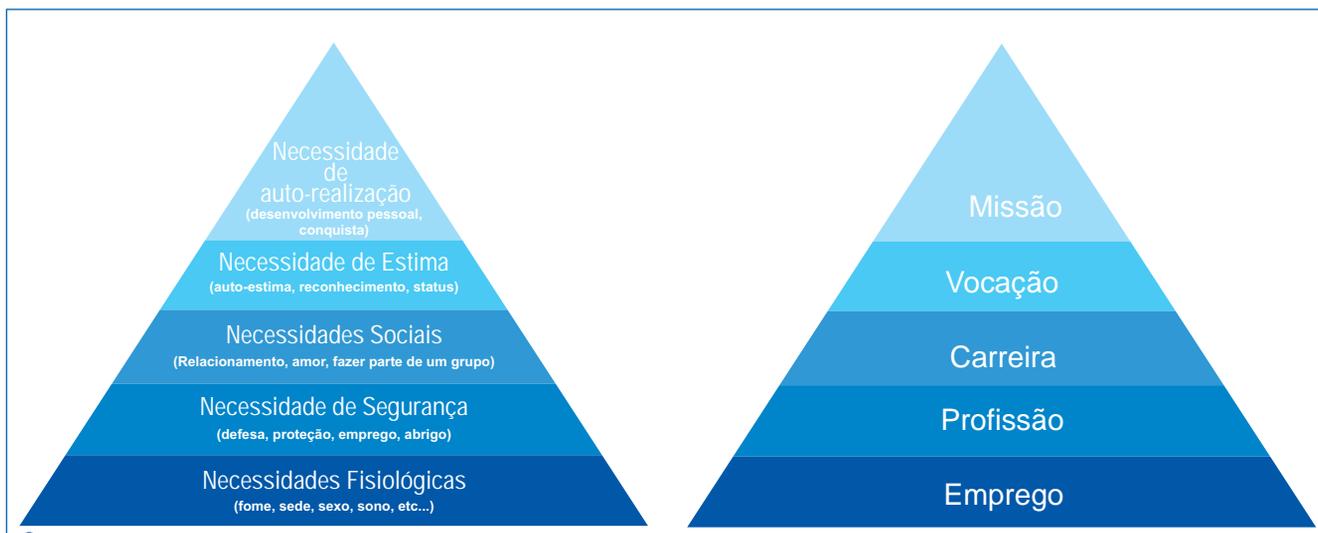
“Ao se candidatar a um emprego, o profissional adota uma postura reativa. Pressupõe que o mercado criou aquela posição e

que ele terá os predicados para estar nessa posição. Ou seja, pressupõe que aquilo que se deseja está disponível para ser escolhido. Dessa forma, o emprego atende necessidades primárias, através da remuneração, relacionadas à sobrevivência”.

A dra. Beatriz continua seu raciocínio. “Na carreira o profissional é pró-ativo, é o que chamamos de empregabilidade e não de emprego. Ele se oferece ao mercado com aquilo que tem de melhor e, consequentemente, terá vantagens sobre os outros candidatos. Muitas vezes a posição pretendida nem existe mas ele analisa o setor e detecta uma competência sua que pode agregar ao setor. Com isso ele atende necessidades de segurança e sociais”.

A hierarquia de necessidades de Maslow (veja a ilustração nesta página) é uma divisão hierárquica proposta por Abraham Maslow, em que as necessidades de nível mais baixo devem ser satisfeitas antes das necessidades de nível mais alto. “Cada profissional tem que ‘escalar’ uma hierarquia de necessidades para atingir a sua auto-realização”, explica a fonoaudióloga.

Maslow fez uma divisão, que começa com as necessidades fisiológicas (de fome, sede e sono...), passa pelas necessidades de segurança (defesa, proteção, emprego, abrigo...), necessidades sociais (relacionamento, amor, participação em um grupo), necessidade de estima (auto-estima, reconhecimento, status) e, por



Divisão hierárquica proposta por Abraham Maslow (à esquerda) e analogia proposta por Robert Wong (à direita)

último, necessidade de auto-realização (desenvolvimento pessoal, conquista...)

Robert Wong, um *headhunter* brasileiro voltado ao gerenciamento de carreiras, utilizou a pirâmide de Maslow para fazer uma analogia (veja a ilustração, também nesta página, cedida pelo autor e que estará em um seu próximo livro, atualmente no prelo)

“Wong coloca que o emprego é a necessidade mais básica, tal como a necessidade fisiológica, de sobrevivência. A profissão está ligada à necessidade de segurança. Em seguida a carreira, com o ‘eu’ inserido no contexto, onde o profissional faz parte de um grupo e, dentro desse grupo, com as perspectivas de carreira. O indivíduo, no seu percurso profissional, está em busca de sua vocação e, finalmente, de sua missão. A auto-realização se dará quando a pessoa encontrar o sentido para o percurso escolhido e trilhado”.

Para a dra. Beatriz Novaes existem várias maneiras de pensar o planejamento de carreira. “Uma delas é no estabelecimento dos objetivos, para que seja traçada a formação, a especialização, o estágio... Temos que trabalhar a questão das expectativas dos outros, o que é

esperado de cada um. Muita gente nem sabe o que é Fonoaudiologia...”

“É também necessária a identificação das oportunidades (onde buscar, dentro de questões geográficas ou de segmentos) e o auto-conhecimento, para detectar onde melhor se enquadrar (cada um tem seu perfil). Infelizmente notamos uma total incompetência do fonoaudiólogo em analisar o ambiente, o seu espaço de trabalho. Considero um reducionismo enorme a Fonoaudiologia de consultório, resultante de uma análise equivocada do ambiente”.

“Especialmente para o fonoaudiólogo que está em formação é imprescindível estabelecer metas que sejam possíveis de serem atingidas, fazer um planejamento que possa ser alterado. Dou um exemplo: com as portarias de Saúde Auditiva do Ministério da Saúde, surgiram oportunidades até então inexistentes. É preciso saber ler que nesse momento existem várias possibilidades de trabalho e fazer um planejamento com mais flexibilidade”.

A dra. Bia Novaes reconhece que o auto conhecimento é algo muito difícil. “Só ser fonoaudiólogo não é suficiente. Só irá provavelmente ter uma carreira de sucesso se se concentrar em suas habilidades. Conhecer-se bem, portanto, é a

primeira providência. Daí surgem várias possibilidades para valorizar e alavancar seus pontos fortes e elevar os pontos fracos a níveis aceitáveis. Este é um processo dinâmico: as escolhas são feitas ao longo do processo, às vezes sem saber para onde está sendo levado”.

A fonoaudióloga resume: “o ‘poder fazer’ depende de conhecimento e habilidades, o ‘querer fazer’ depende de atitude. Com apenas um deles, até pode ser obtido um bom desempenho, mas excelência só quando juntamos as duas coisas. O que falta para a Fonoaudiologia é uma mais atitude pró-ativa e de se estabelecer no contexto do setor Saúde com mais maturidade. O que tem acontecido muito na Fonoaudiologia é a busca fora da ocupação. O profissional sai para fazer outra coisa, porque não identifica no mercado uma possibilidade. É a dificuldade de analisar o ambiente. Acredito que neste momento existem muitas oportunidades, só nos falta o que chamo de gana”.

“No gerenciamento de carreira é imprescindível disciplina, foco, atenção, conhecimento, paixão e consistência. E respeitar ciclos – históricos, do setor, pessoais, geográficos – para saber o tempo de tomar a decisão”.

Solicite nossa Proposta Comercial s/ compromisso **0800 702 0122**

TELESOM
aparelhos auditivos

Liberdade de Escolha

Torne-se um Distribuidor exclusivo. Abra uma Telesom em seu consultório.

T

Qualidade incontestável: + de 3.000 clientes satisfeitos

WIN AUDIO

O SEU SOFTWARE DE AUDIOLOGIA

Usuários da versão 7.0 atualizem para 7.4 e usuários da 6.0 para 6.4. Gratuitamente!

- ✓ Versões Clínico & Ocupacional
- ✓ Experiência de 10 anos
- ✓ Suporte técnico gratuito
- ✓ Interface simples e prática
- ✓ Versão multiusuário s/ cobrança adicional

NOVA VERSÃO 7.4 XP Vista

Faça download da versão demo: www.winaudio.com.br

Vendas **(41) 3324 2050**
Skp: vendas_winaudio

Suporte **(41) 3232 2707**
Skp: suporte.winaudio

Programa *Hear the World* apóia Triagem Auditiva Neonatal Universal no Brasil

Todos os que gravitam na área de saúde auditiva discutem porque milhões de pessoas que possuem problemas de audição não reconhecem, não são informados ou não recebem o devido atendimento”, lamenta Pedro Stern, que desde 1984 atua na área e tem acompanhado várias iniciativas no Brasil e no exterior. Ele garante nunca ter visto um programa como o “*Hear the World*”, criado pela empresa suíça Phonak, uma dos três maiores fabricantes mundiais de aparelhos auditivos, que é representada no Brasil pela CAS Produtos Médicos, na qual é presidente.

A Phonak resolveu criar uma Fundação, com atuação mundial, totalmente desvinculada do objetivo comercial da empresa, para divulgar as questões da audição, com base na transmissão da informação e no investimento ou apoio a iniciativas de pesquisa, particularmente em termos de prevenção. O tenor Plácido Domingo e a Orquestra Filarmônica de Viena cederam suas imagens e seus depoimentos, como embaixadores mundiais dessa causa.



Foto: Phonak

Tenor Plácido Domingo,
embaixador mundial da campanha



Foto: Phonak

No Brasil, Triagem Auditiva Neonatal Universal é foco da campanha

Lançado em dezembro de 2006, o programa conta uma representação em cada país, que identifica uma causa para apoiar. No Brasil a selecionada foi a Triagem Auditiva Neonatal Universal (Tanu), com abordagem ampla, sem vínculo a

entidades ou iniciativas isoladas. A decisão levou em conta que, enquanto nos Estados Unidos 95% das crianças já são recebidas essa triagem e na Europa também esse índice é elevado, na América Latina isso não ocorre. Mesmo no Brasil, que apresenta o melhor índice do continente sul-americano, é de apenas 5%. O programa prevê a disponibilização de informações para a população em geral para evitar que se descubra muito tardiamente a perda de audição e os prejuízos dele decorrentes. Pedro Stern acredita que será possível não só reabilitar a criança mais cedo mas também conseguir entender melhor quais são as causas da perda auditiva no Brasil, para uma melhor prevenção. Com a evolução do programa, será possível colher melhores esta-

tísticas sobre as possíveis causas da deficiência auditiva.

A fonoaudióloga Marilisa F. Zavagli, diretora de produto e de treinamento da CAS Produtos Médicos, coordena o programa *Hear the World* no Brasil. Ela conta que um site está sendo criado na Internet, com informações sobre os programas já implantados no país. “Vamos criar sessões de tratamento à distância e palestras online dentro do próprio site e queremos apoiar a criação de um centro de treinamento. Um dos objetivos desse site, além de disponibilizar gratuitamente todo o treinamento online e, também, o de induzir as pessoas que estão utilizando o serviço para se cadastrarem e colocarem os dados que vão obtendo”. A Fundação está em negociação com algumas instituições e conta com o suporte da fonoaudióloga Doris R. Lewis, como consultora técnica da campanha brasileira.



Foto: Phonak

CONCURSO DE PROVAS E TÍTULOS

Cuidados prévios para não perder pontos

A concessão do título de especialista pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, para as áreas de Audiologia, Linguagem, Motricidade Orofacial, Voz e Saúde Coletiva, realizado por intermédio de concurso de provas e títulos, segue as determinações contidas em cinco resoluções do CFFa, quatro delas editadas em 2006 (as de número 320, 321, 322 e 323) e uma (a de número 344) editada em 2007. Todas as resoluções estão disponíveis no site da autarquia, em www.fonoaudiologia.org.br. O próximo concurso – o terceiro – está previsto para o primeiro semestre de 2009.

Para a prova de títulos, alguns cuidados simples devem ser observados pelo fonoaudiólogo que planeja dele participar, em relação à documentação exigida. Não há alteração em relação aos documentos solicitados nos concursos anteriores, mas as certidões, declarações e certificados que devem ser apresentados necessitam seguir as exigências contidas no edital.

São cuidados simples e que muitas vezes são esquecidos, como resultado de uma leitura apressada das instruções. Ao detectar problemas na documentação, a entidade responsável pela aplicação do concurso é obrigada a desconsiderar os documentos, muitas

vezes vitais para a pontuação mínima exigida ou, até mesmo, impugnar a participação.

Alguns exemplos de situações que podem comprometer o bom resultado do concurso de títulos e provas, que foram detectados nos concursos anteriores, foram relacionados pelo CFFa e são apresentados a seguir.

O edital é muito claro na exigência de apresentação de cópias autenticadas ou na apresentação do original, para ser cotejado. Sem isso, a documentação não é aceita.

Uma das exigências do edital é a apresentação de certidões e declarações, para que possa ocorrer a concessão da pontuação. O que muitas vezes falta nesses documentos? A identificação do signatário. A assinatura está no documento, mas sem a identificação de quem o assinou, é inviabilizada sua aceitação.

Também é exigido que, na apresentação de um certificado de curso de especialização, conste o seu programa, para que possa ser verificado se preenche as condições estabelecidas para pontuação. Se este histórico não é anexado, a documentação é desconsiderada e os pontos se perdem.

Muitas vezes, a declaração de aprovação em concurso público, que é obri-

gatoriamente publicada em Diário Oficial, é documentada apenas com o recorte dessa publicação, sem a identificação da edição, da página e da data da publicação. E lá se vão pontos preciosos...

Em cursos de curta duração, a nomenclatura utilizada muitas vezes não deixa suficientemente claro o seu conteúdo programático. O histórico escolar é, novamente, essencial para não se perder pontos.

É importantíssimo que o fonoaudiólogo fique atento a todas as exigências do edital. E também as instituições que oferecem esses cursos, para que não sejam geradas documentações incompletas.

Verifique o documento em seu poder e faça contato antecipadamente com a instituição de ensino, se detectar alguma falha, para que possa ser regularizada em tempo. Esta simples providência pode fazer com não se perca pontos preciosos, que podem até inviabilizar a concessão do título.

É importante lembrar que os títulos expedidos a partir de 1º de janeiro de 2007 necessitam ser revalidados a cada cinco anos. Esta é uma decisão que tem o objetivo de priorizar e estimular a educação continuada, em benefício do próprio profissional, da sociedade e da profissão.

PAUTAR BRASIL

Segundo encontro discute papel dos Conselhos



Foto: Pautar Brasil

O CFFa, representado por sua presidente – fonoaudióloga Sandra Maria Vieira Tristão de Almeida – participou do segundo evento Pautar Brasil, organizado pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Econômico e Social (IBDES) no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília (DF), de 16 a 17 de junho. O objetivo do encontro foi debater a organização dos Conselhos de Regulamentação Profissional e a qualidade dos serviços ofertados, tendo como público alvo os conselhos federais e regionais das

profissões, as entidades profissionais do Brasil e seus correspondentes no Mercosul e os prestadores de Serviços para Conselhos. O primeiro encontro foi realizado em maio de 2007, também em Brasília.

A tônica deste segundo encontro foi a de propor o debate a respeito das profissões e dos conselhos federais e regionais como fator de desenvolvimento humano e de crescimento econômico, ao mesmo tempo em que se buscou alinhar posições a respeito das relações profissionais pós-liberação de trabalho no Mercosul. O fomento a organização interna das instituições, a capacitação de pessoal e a qualidade de serviços para a sociedade (inclusive para a obtenção da certificação ISO 9001) e o debate estratégico sobre o futuro das profissões representadas naquele encontro e a empregabilidade destas na sociedade do futuro foram outros assun-



Foto: Pautar Brasil

tos que permearam as discussões. A metodologia utilizada foi a de palestras em plenária, painéis de debate, apresentações de casos em palestras e também entrevistas no formato *talk show*.

Apesar do público menor do que o do primeiro encontro, a avaliação dos participantes, segundo os organizadores do evento, foi positiva. A avaliação de 59% dos participantes que preencheram a ficha de avaliação apontou o evento como "excelente" ou "bom".



Evento em Brasília discute Atenção Básica e estratégia da Saúde da Família



Foto: arquivo de Giselle Kubrusly

No estande do Fentas/FCFAS, uma das reuniões com fonoaudiólogas presentes na mostra. Da esquerda para a direita: Simone de Oliveira, de Alfenas (MG); Talita Freitas Leite (CFFa); Michele Toso, de São Carlos (SP) e Raimunda Formiga (do Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde)

tados cotidianamente pelos profissionais de saúde que atuam diretamente com os usuários favorecidos com esta proposta. As temáticas Saúde do Idoso, da Mulher, da Pessoa com Deficiência e da Criança e do Adolescente tomaram destaque em várias atividades do evento na perspectiva da Atenção Básica.

Esteve presente no evento a fonoaudióloga Érika Pisaneschi, da área técnica da Saúde da Pessoa com Deficiência do Ministério da Saúde, que coordenou a discussão sobre a assistência à pessoa com deficiência na perspectiva da Atenção Básica e sua reabilitação na equipe de Saúde da Família, preconizada pela Política Nacional da Pessoa Portadora de Deficiência.

As fonoaudiólogas presentes relataram que o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf) foi assunto que perpassou diferentes espaços, haja visto que a partir da Portaria nº 154, de 24 de janeiro de 2008, iniciou-se o debate que visa atender a uma das maiores reivindicações dos profissionais da Saúde da Família: a inserção de áreas correlatas às atividades dos profissionais da Atenção Básica. Embora os espaços para discussão do tema tenham sido pouco contemplados, foram

O Conselho Federal de Fonoaudiologia, representado pelas conselheiras Denise Terçariol e Maria Teresa Cavalheiro, pela assessora técnica Talita Freitas Leite e pelas representantes dos Conselhos Regionais de Fonoaudiologia Cláudia Silva Pagotto Cassavia (da 2ª Região), Solange Pazini e Gisele Kubrusly (da 3ª Região) e Roberta Costa Rangel (da 6ª Região), participou ativamente da III Mostra Nacional de Produção em Saúde, IV Seminário Internacional de atenção Primária/Saúde da Família e III Concurso Nacional de Experiências em Saúde da Família, promovidos pela Secretaria de Atenção à Saúde – Departamento de Atenção Básica (DAB) do Ministério da Saúde em Brasília, no período de 5 a 8 de agosto.

O conjunto de eventos que aconteceu simultaneamente no mesmo espaço e período, comemorou os 30 anos da Declaração de Alma Ata, os 20 anos do Sistema Único de Saúde (SUS) e os 15 anos de Implantação do Programa de Saúde da Família. Segundo o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, hoje mais de 89 milhões de brasileiros estão sendo acompanhados por quase 28 mil equipes Saúde da Família e 16 mil equipes de Saúde Bucal da Família inseridas nesta estratégia. O processo de fortalecimento e renovação da Atenção Primária é o mecanismo adotado pelo Ministério na busca de melhores resultados de saúde, gerando equidade, integralidade e universalidade, como preconizam os princípios do SUS.

O evento discutiu inúmeros temas relacionados à Atenção Primária, mais especificamente os que envolvem a estratégia de Saúde da Família, desde o financiamento até os desafios enfren-



Foto: arquivo de Giselle Kubrusly

Da esquerda para a direita: fonoaudiólogas Maria Teresa Cavalheiro, Cláudia Silvia Pagotto Cassavia, Solange Pazini e Giselle Kubrusly

explorados ao máximo uma vez que ainda existem muitas dúvidas sobre o processo de credenciamento e implantação dos mesmos nos municípios.

Durante o evento o Ministério da Saúde informou que a Portaria 1616, de 6 de agosto de 2008, que trata do credenciamento dos Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf) nos municípios acabou de ser aprovada. O texto desta portaria (e de outros documentos relacionados ao tema) podem ser acessados no site do Ministério da Saúde, em http://portal.saude.gov.br/saudelegis/leg_norma_pesq_consulta.cfm.

A expectativa do Ministério da Saúde é de que no próximo evento já existam vários trabalhos relatando experiências exitosas de implantação do Nasf.

O Conselho Federal de Fonoaudiologia elaborou o folder "Fonoaudiologia: um assunto de interesse de toda família" com informações sobre a atuação do profissional no Nasf. Durante os dias do evento esse material foi distribuído aos participantes no

espaço do Fórum das Entidades Nacionais dos Trabalhadores da Saúde (Fentas) e do Fórum dos Conselhos Federais da Área da Saúde (FCFAS).

O Sistema dos Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia vem trabalhando para promover o debate junto à categoria profissional nas discussões sobre o Nasf, tal como a que irá ocorrer no 16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, em setembro próximo.



Dia Mundial da Saúde em Brasília

De acordo com o Ministério da Saúde, a atividade física faz parte da rotina de apenas 15% da população. A expectativa do órgão é aumentar este índice para 19%, até 2010. O lançamento, em 7 de abril, da campanha "Entre no time onde a atividade física e o meio ambiente jogam juntos" foi uma das formas de despertar a população para essa questão e simultaneamente comemorar o Dia Mundial da Saúde.

Entidades ligadas à saúde participaram de atividades em diversas cidades brasileiras. Em Brasília, o Parque da Cidade recebeu milhares de pessoas para o lançamento da campanha, que contou com a participação do Conselho Federal de Fonoaudiologia, Conselho Regional de Fonoaudiologia da 5ª Região e Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Em quase duas dezenas de tendas foram oferecidas à população palestras, apresentações teatrais, *shows* de bandas, exposição de alimentos orgânicos, oficina de reaproveitamento de alimentos e reciclagem de papéis, atendimento em acupuntura e quiropraxia, massagens, jogos esportivos, aulas de ioga, *tai-chi-chuan*, ginástica e defesa pessoal.

Na tenda da Fonoaudiologia, o espaço foi organizado para a orientação e encaminhamento de pacientes com questões relacionadas à audição e voz, em sua maior parte. A distribuição dos *folders* e a colocação de faixas e *banners* deram grande visibilidade a essas ações desenvolvidas.

Participaram dessas ações a coordenadora do setor de Fonoaudiologia da Secretaria Estadual de Saúde do Distrito Federal, fonoaudióloga Christianny Maria de Lima França (que se fez acompanhar de três fonoaudiólogas da secretaria); a conselheira Tatiane Leonel, do Conselho Regional de



Foto: CFFa

Grupo de fonoaudiólogas participantes das ações desenvolvidas em Brasília

Fonoaudiologia da 5ª Região e a assessora técnica do Conselho Federal de Fonoaudiologia, fonoaudióloga Talita Freitas Leite. Contatos foram realizados com representantes de Conselho Regional de Odontologia do Distrito Federal e representantes do Ministério da Saúde e, em especial, do Departamento de Atenção Básica.

A secretária-executiva do Ministério da Saúde, Márcia Basit Lameiro da Costa Mazzoli, que representou o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, parabenizou os profissionais pela atuação e ressaltou que a campanha será uma importante aliada das ações de saúde para a prevenção de doenças e o incentivo à prática esportiva no país.

Calibração e Manutenção de Audiômetros e Imitânciômetros Medição do nível de pressão sonora ambiental em cabines / salas de testes

Mantenha seus equipamentos de acordo com a legislação (Resoluções CFFa nº295/296 - ISO 8253-1 - NR 7).
A manutenção e calibração de seus equipamentos feitas adequadamente, reduz custos e problemas com fiscalizações.

Fone (11) 5671-6755
www.audiologicolab.com.br

Av. Mascote, 237 - SL 4 - Vila Mascote
São Paulo - SP - CEP 04363-030

audiológicoLAB)))

Histórias difíceis de engolir dão prêmio para fonoaudióloga

A história da experiência de uma fonoaudióloga na residência no Hospital das Clínicas de São Paulo, no atendimento a pacientes disfágicos, deu a Patrícia Matos Taveira do Amaral a Menção Honrosa no Concurso Internacional de Literatura Vita-vision. O livro "DegLUTA – a história de cinco brasileiros com dificuldade para engolir num país com problemas difíceis de engolir" narra os casos de cinco pacientes internados com diferentes diagnósticos, mas com a disfagia em comum.

A Vita-vision é uma empresa brasileira que atua na área de comunicação audiovisual e que produz e distribui espetáculos teatrais, cursos, eventos culturais e educacionais, entre outros. Este concurso, cujo resultado saiu em 10 de junho, foi direcionado para novos escritores, brasileiros e do exterior.

Patrícia terminou sua formação em Fonoaudiologia pela PUC-SP em 1998 e logo em seguida se viu envolvida com disfágicos, na enfermaria e em ambulatório, no Serviço de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do Hospital das Clínicas, quando de sua pós-graduação. Ao concluir a pós-graduação, foi convidada a iniciar o atendimento fonoaudiológico sistemático no Serviço de Esôfago do Departamento de Gastroenterologia do hospital, como voluntária, pois naquela época não havia um fonoaudiólogo dedicado ao setor.

"Como o trabalho fonoaudiológico voltado para as especificidades dos pacientes com afecções esofágicas era praticamente nulo, tivemos que começar do zero, estudar as patologias, avaliar os pacientes pré e pós-cirurgia, listar sintomas, avaliar os resultados, acompanhar cirurgias e exames, participar de eventos, garimpar artigos nas bibliotecas...", relata Patrícia, que permaneceu dois anos no Serviço de Esôfago. "Foi no Hospital das Clínicas que descobri uma fonoaudiologia fascinante. O objetivo do meu trabalho era promover ou restabelecer uma deglutição segura e eficiente através de técnicas especializadas."

"A forma que encontrei para processar esta minha experiência foi através de um livro que não fosse técnico e que pudesse ser interessante para o leitor que não fosse da área. Escolhi cinco casos cujas histórias se costuram e se completam. Temos a dimensão do paciente, sua vida, doença e tratamento, a dimensão social que trata dos problemas do nosso país que são 'difíceis de engolir', e a dimensão do terapeuta, a construção do profissional, as dificuldades e as reflexões..."

"Aos poucos comecei a me incomodar com o fato de não conseguirmos devolver às pessoas o prazer de viverem um momento que frequentemente fosse acompanhado de uma situação ali-

mentar. O prazer ao qual me refiro não se restringe ao prazer oral ou ao paladar, mas a algo intimamente ligado ao prazer de se compartilhar uma experiência de convivência, de aprendizado, de comunicação, e de relação, ou seja, situações que constroem a história de cada um", relata Patrícia na introdução de seu livro.

"O ato de engolir, presente desde o útero materno, embora pareça simples como um "glupt" das histórias em quadrinhos, exige uma engenharia complexa, onde músculos, cartilagens, ossos, nervos, sensibilidade, prazer, desejos, reflexos, consciência, e tantos outros fatores atuam de modo coordenado, incrivelmente rápido e preciso, para que ocorra sem sequer nos darmos conta".

"A minha atuação técnica, embora altamente especializada, era insuficiente para tratar a *disfagia social*, um sintoma muito mais complexo do que a fisiologia da deglutição. Alguns pacientes acreditavam que suas histórias de luta eram obras do destino, inclusive, obras de um destino diabólico. Mas creio que o destino seja inocente. Qual a responsabilidade de cada um de nós sobre as nossas próprias vidas e sobre as vidas de todos os outros seres humanos? Se todas as pessoas tivessem seus direitos assegurados, o destino teria opção?", pondera a fonoaudióloga no seu livro.

Fonoaudióloga ganha prêmio da Petrobrás

Com o projeto "Panorama Estatístico Epidemiológico de Perdas Auditivas e Implementação e Otimização do PCA em uma Unidade da Petrobrás", a fonoaudióloga Graziella Loyola, do Estado da Bahia, foi uma das vencedoras do Prêmio Petrobrás em Segurança, Meio Ambiente e Saúde Ocupacional deste ano.

Especializada em Audiologia Ocupacional, a dra. Graziella Loyola, que atua no estado da Bahia, teve seu trabalho selecionado entre os três melhores, entre quatrocentos inscritos. Os critérios utilizados para a escolha dos vencedores foram: criatividade e inovação, proatividade, benefício para o setor de

trabalho, simplicidade, potencialidade e abrangência.

Segundo a fonoaudióloga, a premiação trouxe maior reconhecimento quanto à importância da Fonoaudiologia no âmbito empresarial e resultou na contratação de profissionais em serviços de Saúde Ocupacional em algumas unidades da estatal petrolífera.

COBERTURA ASSISTENCIAL DAS OPERADORAS DE SAÚDE

Tire sua dúvida sobre o novo Rol de Procedimentos

O Conselho Federal de Fonoaudiologia recebe freqüentes indagações sobre a nova cobertura assistencial das operadoras de Saúde, que incluiu procedimentos fonoaudiológicos. Essa cobertura está prevista no novo Rol de Procedimentos e Eventos em Saúde, publicado pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) em 10 de janeiro de 2008, por meio da Resolução Normativa 167 e passou a ser

obrigatório desde 1º de abril deste ano para todos os planos contratados após 1º de janeiro de 1999.

As dúvidas mais freqüentes foram compiladas e estão disponibilizadas no site da autarquia, em www.fonoaudiologia.org.br, com o objetivo de tornar mais ágil e rápida as consultas relacionadas à cobertura assistencial de Fonoaudiologia nas diversas modalidades de

planos de saúde suplementar oferecidos à população.

Para acessar esse arquivo, em formato PDF, selecione a imagem no alto da tela ou, no menu, a opção CFFa e, em seguida, Dúvidas Freqüentes. Nessa mesma opção de menu o fonoaudiólogo poderá efetuar o *download* do manual de exercício da profissão, elaborado em conjunto pelo Conselho Federal e pelos Conselhos Regionais de Fonoaudiologia.

Fonoaudióloga é premiada em Congresso de Triagem Neonatal

A fonoaudióloga Mariana Germano Gejão, ex-aluna do programa de Mestrado em Fonoaudiologia da Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB) da Universidade de São Paulo (USP), foi premiada como a autora do melhor trabalho apresentado no V Congresso Brasileiro de Triagem Neonatal, I Congresso Brasileiro de Erros Inatos do Metabolismo e II Seminário Nacional de Triagem Neonatal, ocorrido de 6 a 9 de agosto, em Caldas Novas (GO). A apresentação premiada é parte de sua dissertação de mestrado sobre "Habilidades do Desenvolvimento de Crianças com Hipotireoidismo Congênito diagnosticadas pela Triagem Neonatal". De todos os trabalhos apresen-



Foto: Assessoria de Imprensa - FOB-USP

tados no congresso somente dois foram escolhidos para receber o "Prêmio Benjamin Schmidt de Triagem Neonatal".

O trabalho foi orientado pela professora Dionísia Aparecida Cusin Lamônica, chefe do Departamento de Fonoaudiologia da

FOB/USP (na foto, à direita, ao lado da fonoaudióloga premiada) e desenvolvido em parceria com o Laboratório de *Screening* Neonatal da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Bauru, um dos seis centros credenciados do Ministério da Saúde para o acompanhamento de crianças com alterações do metabolismo, principalmente para hipotireoidismo congênito e fenilcetonúria.

Como o profissional fonoaudiólogo não faz parte da equipe de profissionais prevista pelo Ministério da Saúde, este é o primeiro trabalho desenvolvido do gênero, portanto inédito em território nacional.

Congresso da IAOM poderá ser no Brasil em 2010

"Os atuais presidentes e demais diretores da *International Association of Orofacial Myology* (IAOM) nos perguntaram, em 2007, se gostaríamos de trazer seu congresso internacional para o Brasil no ano de 2010 e aceitamos o desafio", relata a fonoaudióloga Irene Marchesan. A decisão oficial da diretoria da IAOM sobre a aceitação da proposta brasileira, no entanto, só deverá ocorrer em outubro deste ano, durante a convenção anual da entidade, que ocorrerá na Philadelphia, nos Estados Unidos.

"Há algum tempo lutamos para que o encontro internacional seja realizado no Brasil, com argumentos irrefutáveis a nosso ver, particularmente o nível de qualidade alcançado pelos profissionais brasileiros nessa área e a projeção internacional dessas conquistas. Se o Brasil for efetivamente escolhido, realizaremos esse encontro por meio de uma associação



Foto: Elisiano Couto/Inserit

Fonoaudióloga Irene Marchesan

entre o Cefac e a IAOM". A data e local exatos deverão ser ainda definidos.

A *International Association Orofacial Myology* (IAOM) ou, em português, Associação Internacional de Miologia Orofacial, com sede nos Estados Unidos e caráter internacional, congrega pessoas que tra-

balham na área correspondente a da Motricidade Orofacial no Brasil. A entidade existe desde os anos 60 e conta com associados no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Multiprofissional, congrega fonoaudiólogos, fisioterapeutas e odontólogos, entre outros profissionais de saúde.

A dra. Irene Marchesan, de São Paulo (SP), é filiada à entidade, como outros fonoaudiólogos brasileiros ligados à área de Motricidade Orofacial e foi a primeira fonoaudióloga da América Latina a receber, no ano de 2005, uma homenagem dessa associação, pelos trabalhos realizados na área. A entidade publica uma revista sobre motricidade orofacial, indexada no Medline, que já apresentou vários artigos de fonoaudiólogos brasileiros.

Os interessados em informações adicionais sobre a IAOM devem acessar o *site* <http://www.iaom.com/>.

Certificamos em nossa Loja Virtual

Registrado no Ministério da Saúde nº00295910001

Audiômetro AVS-500

- 100% digital;
- Comunicação com computador;
- Tecnologia de ponta: VA, VQ, LOG, Campo;
- Três tipos de mascaramento.

Cabines Audiométricas

- Totalmente sem parafusos
- Montagem em menos de 10 minutos
- Eficiência comprovada conforme ISO 8233-1.
- Laudos do IPT e INMETRO.

Software Options

- Gerenciamento Audiométrico
- Estatísticas com gráficos
- Comunicação com Audiômetro
- Portaria 15-PCA

Calibração

A vibrasom possui um moderno laboratório com equipamentos de última geração da marca Bruel & Kjaer e conta com profissionais qualificados prontos para atendê-lo.

VIBRASOM
Tecnologia Acústica
SOLUÇÕES EM TRATAMENTO ACÚSTICO
Televendas: (11) 4393-7900
www.vibrasom.ind.br

Fnepas avalia 2007 e planeja ações para 2008



Foto: arquivo pessoal de Vera Lúcia Garcia

Trabalhos em grupo, na Oficina Coletiva da Grande São Paulo, transcorreram de forma produtiva e colaborativa

O evento de avaliação de 2007 e de planejamento para 2008 do Projeto Coletivo das Oficinas Coletivas do Fórum Nacional de Educação das Profissões na Área da Saúde (Fnepas) foi realizado nos dias 13 e 14 de março de 2008, no Rio de Janeiro (RJ) com a participação de 58 pessoas, entre representantes e convidados das entidades integrantes do Fnepas, coordenadores regionais e representantes das comissões organizadoras das oficinas ocorridas em 2007. O Fne-

pas foi criado em julho de 2004 e congrega entidades envolvidas com a educação e desenvolvimento profissional na área da Saúde. A Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, por sua Comissão de Ensino, representa os profissionais fonoaudiólogos.

O objetivo geral do encontro realizado no Rio de Janeiro foi o de organizar o processo de reflexão e sistematização das informações para planejamento e orientação metodológica das atividades que já

estão ocorrendo em 2008; possibilitar a troca de experiências na construção das mudanças na graduação e maximizar o diálogo entre as diretorias de entidades de ensino e o Fnepas.

A mesa de abertura do encontro traçou um panorama das atividades do Fnepas em 2007. Logo após, os participantes foram divididos em grupos, agrupados por regiões. No segundo dia do encontro, "Os desafios da participação na definição e implementação de políticas de formação em saúde" foram apresentados pela Dra. Laura Feuerwerker. Em seguida, os participantes foram novamente divididos, agora em grupos mistos, para discutir estratégias efetivas para consolidação dos mecanismos de participação coletiva e cooperada dos atores envolvidos na formação dos profissionais de saúde.

Na plenária final foram apresentados os resultados das discussões dos grupos e realizada a avaliação da oficina. Serão mantidas Oficinas de Sensibilização nos locais onde ainda não foram realizadas e o trabalho será expandido e aprofundado a partir das necessidades locais.

Oficina Coletiva Fnepas da Grande São Paulo

Com 238 participantes, a Oficina Coletiva Fnepas da Grande São Paulo foi realizada na Faculdade Santa Marcelina, na capital paulista, em 26 de abril, com ampla representação dos fonoaudiólogos de diversas Instituições de Ensino Superior, de Serviços e do Conselho Regional de Fonoaudiologia da 2ª Região.

Duas mesas redondas foram realizadas. Na primeira, com o tema "Integração ensino-serviço nas redes municipais de saúde", as debatedoras foram Laura Feuerwerker e Karina Calif. Na segunda – "A formação para o trabalho em equipe" – as debatedoras foram Regina Marsiglia e Marina Peduzzi. Os trabalhos em grupo, que deram seqüência à programação, transcorreram de forma produtiva e colaborativa.

Participaram da organização do evento as fonoaudiólogas Maria Cecília Bonini Trenche e Vera Lúcia Garcia, representantes da Comissão de Ensino da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.

Para saber da programação que está acontecendo em todo o país acesse o site <http://www.fnepas.org.br>.



Foto: arquivo pessoal de Vera Lúcia Garcia

Oficina Coletiva Fnepas da Grande São Paulo contou com 238 participantes

Veza da Voz cria telejornal em Libras



Foto: Elísário Coutinho/merit

ONG *Veza da Voz* também marca presença em eventos de conscientização da população, como este na av. Paulista, em São Paulo (SP)

O *Telelibras*, uma iniciativa da ONG *Veza da Voz*, dirigida pela fonoaudióloga Cláudia Cotes, no ar desde fevereiro de 2007, é o primeiro telejornal inclusivo e inédito na Internet, que transmite informações sobre o que acontece no Brasil e no mundo e é voltado às pessoas com deficiência auditiva e aos interessados em aprender a Libras. Apresentadores e um intérprete dividem o mesmo espaço na tela do vídeo, mostrando que todos são iguais, apesar das diferenças.

“É muito complicado para um deficiente auditivo se informar através de um jornal, de uma revista ou de um *site*. Então, nós resolvemos criar um projeto que falasse a língua deles e daí surgiu o *Telelibras*”, diz Roberta Lage, uma das voluntárias do programa.

Os vídeos são disponibilizados semanalmente e tem, em média, cinco minutos de duração, tempo que é considerado ideal para assistir na Internet. O resultado são quase dez mil acessos mensais no *site* da ONG, em www.vezdavoz.com.br.

O *Telelibras* prioriza as notícias relacionadas aos deficientes, mas também fala de outros temas, em todas as áreas, como política, esporte, economia, cultura, emprego, atualidades e inclusão social. Além dos deficientes auditivos, a equipe do telejornal abre espaço para outros tipos de deficiências, como a visual, física e intelectual, com o objetivo de descobrir suas reais necessidades. As gravações externas são feitas por repórteres com Down, deficientes visuais ou cadeirantes, sempre com um intérprete de libras ao lado.

A fonoaudióloga Cláudia Cotes coloca entre os objetivos da ONG que dirige a transmissão do programa por um canal de TV e por outros sites de responsabilidade social e sua transformação em um telejornal diário, tornando o programa mais abrangente, direcionado a todas as pessoas, com e sem deficiência.

A importância da iniciativa levou o programa “*Ação*”, exibido pela Rede Globo e reprisado pelo canal Futura, apresentado por Serginho Groisman, a elaborar um programa especial, onde foram apresentados os projetos desenvolvidos pela *Veza da Voz* que priorizam a interação das pessoas com e sem deficiência e buscam oferecer oportunidades de comunicação e inclusão, respeitando as diferenças humanas.



As Cabinas Audiométricas São Luiz são produtos desenvolvidos para propiciar ambientes silenciosos para execuções de testes audiométricos sem interferência de ruídos externos.

As Cabinas Audiométricas São Luiz são fabricadas em MDF e revestidas externamente em carpete e internamente com espuma acústica **ESPUMEX** de alto poder de absorção.

São fornecidas em cinco modelos, suficientes para atender qualquer necessidade de mercado, podendo ser fabricadas sob encomendas em tamanhos diferentes.

As Cabinas são totalmente de encaixe, ou seja, não são necessários parafusos ou ferramentas para montagem e desmontagem.



30 anos

2018



Acústica São Luiz Eng. e Const. Ltda.
Av. Casa Verde, 3477
São Paulo - SP - Brasil - CEP 02519-200
Tel/Fax: 55 (11) 3961-1117 / 3961-0409
elene@acusticasaoluiz.com.br
www.acusticasaoluiz.com.br

Agradeço muitíssimo a atenção de vocês em relação ao reenvio do Jornal do CFFa. Parabéns pelo excelente trabalho que estão desenvolvendo no Conselho e a pronta solução para as nossas necessidades.

Fonoaudióloga Maria Elza K.Y.Dorfman
Porto Alegre (RS)

Agradeço imensamente a homenagem que recebi no jornal do Conselho do Conselho Federal de Fonoaudiologia. Fiquei muito feliz e mais motivada para continuar na incansante luta pela defesa dos princípios do SUS.

Ana Lúcia Camargo
Brasília (DF)

Errata

A fonoaudióloga Marianna Scholte Carneiro, coordenadora do Curso de Fonoaudiologia da FEAD, encaminhou correspondência ao Jornal do CFFa em que agradece a menção à Campanha da Voz realizada na instituição e solicita duas correções. O nome correto da instituição é FEAD – Centro de Gestão Empreendedora e não Fundação Educacional Antônio Dadalto, como foi incorretamente publicado. Nas informações encaminhadas pelo FEAD ao Jornal do CFFa deixaram de ser incluídos os nomes de dois professores organizadores, Marianna Scholte e Juliana Nunes, razão pela qual não foram mencionados. A menção é agora registrada.

GESTÃO EM FONOAUDIOLOGIA
PERSPECTIVA EMPRESARIAL

INSCRIÇÃO
de 02/07/2008 a 30/09/2008

DATA DE INÍCIO DO CURSO
15/10/2008

Preenchimento do formulário de inscrição, para participação do processo seletivo, disponível no site www.fead.br.

Conhecer o universo dos negócios, administrar os projetos, a imagem profissional e o próprio tempo são requisitos essenciais para a inserção profissional!

MATRIZ CURRICULAR

<p>1º Módulo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comportamento Empreendedor - Fundamentos da Administração - Técnicas em Fonoaudiologia Empresarial - Consultoria e Assessoria em Comunicação I - Estratégias Comunicativas 	<p>2º Módulo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Administração e Gestão em Saúde - Legislação em Fonoaudiologia - Planejamento Estratégico Institucional - Metodologia Científica - Gestão Jurídica Empresarial
<p>3º Módulo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prática em Fonoaudiologia - Marketing nas relações Interpessoais - Consultoria e Assessoria em Comunicação II - Fonoaudiologia Empresarial - Laboratório de Linguagem 	<p>4º Módulo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prática no Aprimoramento das Habilidades Comunicativas - Didática do Ensino Superior - Atividade de Estágio - Elaboração de Monografia

MAIS INFORMAÇÕES:
Núcleo de Pós-Graduação FEAD - Av. do Cordeiro, 4430 - Funclândia - BH/MG
nico@fead.br - feadvisua@fead.br - www.fead.br
 (800) 300199 - (31) 3281-1330 - (31) 4069-0800

Fonoaudiólogos cearenses na campanha contra rubéola



Foto: Unifor

No Centro de Saúde Turbay Barreira, em Fortaleza, a equipe de trabalho formada por fonoaudiólogos, gestores, assistentes sociais, médicos, professores e alunos da Universidade de Fortaleza

A campanha de vacinação contra rubéola em Fortaleza (CE), iniciada em 9 de agosto de 2008, contou com a participação de fonoaudiólogos, professores e estudantes do curso de Fonoaudiologia da Universidade de Fortaleza (Unifor), para a orientação dos pais sobre os riscos da doença em gestantes e seus reflexos nos bebês. A ação contou com o apoio do Conselho Regional de Fonoaudiologia da 8ª Região.

Em seis postos de vacinação da capital cearense foram desenvolvidas atividades lúdicas, palestras informativas, distribuição de folhetos e encaminhamentos para realização do teste da orelhinha, no repertório de uma intensa ação de promoção de saúde.

Este envolvimento deu continuidade às parcerias que vem sendo efetuadas pelos fonoaudiólogos cearenses com as Secretarias de Saúde estadual e municipal para alertar a população sobre os desdobramentos causados por uma saúde deficitária.

A meta do Ministério da Saúde, na Campanha Nacional de Vacinação para a Eliminação da Rubéola, é estender a cobertura vacinal para 70 milhões de brasileiros, principalmente os homens com idades de 20 a 39 anos. Em anos anteriores, os públicos-alvos foram crianças e mulheres.

Brasil

5º Congresso Mundial de Neuroreabilitação

Data: 24 a 27/09/2008
Local: Rio de Janeiro (RJ)
Promoção: Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação e Federação Mundial de Neuroreabilitação (WFNR)
Informações: www.sarah.br/wfnr-rio2008/

16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia

Data: 24 a 27/09/2008
Local: Campos do Jordão Convention Center, em Campos do Jordão (SP)
Promoção: SBFa (Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia)
Informações, inscrições e submissão de trabalhos:
www.sbf.org.br/fono2008
e-mail: fono2008@sbfa.org.br

Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia Hospitalar e Simpósio de Fonoaudiologia da Escola Superior da Amazônia (Esamaz)

Data: 19 a 22/11/2008
Local: Belém (PA)

Informações e inscrições:

tel.: (0 ** 91) 3087-0309
e-mail:
fonofabriciopeixoto@hotmail.com

III Congresso Sul-Brasileiro de Fonoaudiologia – CRFa 3ª Região

Data: 21 a 22/11/2008
Local: Maringá (PR)
Patrocínio: CRFa-3ª Região
Informações e inscrições:
http://www.softeventos.com/eventos/futuros/evento_01/evento_01.html

24º Encontro Internacional de Audiologia (EIA)

Data: 18 a 21 de abril de 2009
Local: Universidade Sagrado Coração, em Bauru (SP)
Promoção: Academia Brasileira de Audiologia (ABA)
Informações:
www.audiologiabrasil.org.br,
tel. (11) 3253-8711 ou
fax (11) 3253-8473

6º Congresso Mundial de Distúrbios da Fluência

Data: 5 a 8/08/2009
Local: Centro de Convenções

Rebouças, em São Paulo (SP)

Realização: Laboratório de Investigação Fonoaudiológica da Fluência da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em conjunto com a IFA, com o apoio do Comitê de Fluência da SBFa
Informações sobre a submissão dos trabalhos: prof. John Van Borsel (john.vanborsel@UGent.be)
 O website do congresso ainda está em construção

Exterior

The 2008 ASHA Convention

Data: 20 a 22/11/2008
Local: McCormick Place West , Chicago, Illinois (Estados Unidos)
Informações:
www.asha.org

28th International Congress of the IALP

Data: 22/08/2010 - 26/08/2010
Local: Atenas (Grécia), no "International Conference Centre, the Athens Concert Hall".
Informações: www.ialpathens2010.gr
e-mail: info@ialpathens2010.gr

Na prateleira

Disfagias Orofárias – Volume 2

Fonoaudiólogas Ana Maria Furkim e Célia Regina Queiroz Santini (organizadoras) Pró-Fono
tel. (11) 4688-2220 / 2275 / 2485
e-mail:
profono@profono.com.br



Com prefácio da fonoaudióloga Irene Queiroz Marchesan e a colaboração científica de Dinah Aguiar Población, Lucia Iracema Zanotto de Mendonça e Suely Cecília Olivan Limongi, o segundo volume desta coleção discute temas importantes para os profissionais atuantes no setor, que realizam diagnósticos ou reabilitação e que precisam de constante apreciação sobre os sintomas dos seus pacientes. Para compor este volume, as organizadoras convidaram 23 profissionais e professores de renome na área. Em 15 capítulos são abordados aspectos fundamentais em trabalhos com disfagia, como: neurologia da deglutição; efeito do uso de diferentes tipos de dro-

gas; transição da alimentação alternativa para oral; disfagia em terapia intensiva; uso da traqueostomia e da válvula de fala; de como obter uma documentação correta dos dados da avaliação; atendimento em domicílio; disfagias infantis; demência; tratamento endoscópico e cirúrgico dos distúrbios esofágicos; estudo qualitativo por meio de videofluoroscopia; pHmetria esofágica; espectrofotometria do refluxo e opções cirúrgicas nos casos de disfagia aspirativa.

Manual Bem-Humorado dos Privilegiados Auditivos

2ª. Edição
Gustavo Amorim
e-mail:
desafiodaalma@yahoo.com.br



Neste livro, o autor expõe com humor e fineza como fez da sua limitação física algo a superar e passa um lição para quem se recusa a utilizar aparelhos auditivos. O autor afirma, na contracapa do livro: "A formidável alquimia da deficiên-

cia em vantagem é o ponto de mutação existencial de qualquer portador de necessidades especiais. E esta verdadeira transubstanciação mental está fundamentada numa mudança radical de ponto de vista".

Quando a Fala Falta

Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade
e-mail:
ensino@contemporaneo.org.br



Organizada pela fonoaudióloga Carla Guterres Graña e com a participação, entre outras autoras, das fonoaudiólogas e conselheiras federais Denise Terçariol e Marlene Canarim Danesi, a obra aborda as novas tendências do trabalho do fonoaudiólogo e suas relações com a psicanálise. Os autores vinculam-se a diferentes instituições, concepções técnicas e linhas de pesquisa dentro dos estudos da clínica da linguagem realizados no sul do país, tendo em comum um único objetivo: discutir as interfaces entre a Fonoaudiologia e a Psicanálise.



Para melhorar
sua linguagem,
fale com um
fonoaudiólogo.

Certamente ele vai
entender você.

Fonoaudiologia é Linguagem.

É o Brasil unido na saúde da comunicação.

Realização: Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia
Informações: (61) 3322-3332 | www.fonoaudiologia.org.br